



Carlos Javier Balhico Gil

# O espólio das Repúblicas Universitárias na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: Relatório de Estágio

Relatório de Mestrado em Património Cultural e Museologia, orientado pela Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas e coorientado pela Doutora Carlota Isabel Leitão Pires Simões, apresentado ao departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Faculdade de Letras

# O espólio das Repúblicas Universitárias na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: Relatório de Estágio

### Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	O espólio das Repúblicas Universitárias na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: Relatório de Estágio
Autor	Carlos Javier Balhico Gil
Orientadora	Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Coorientadora	Doutora Carlota Isabel Leitão Pires Simões
Júri	Presidente: Doutor João Paulo Avelãs Nunes Vogais: 1. Doutor Duarte Freitas 2. Doutor João Paulo Avelãs Nunes 3. Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Identificação do Curso	2º Ciclo em Património Cultural e Museologia
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Museologia
Data da defesa	26-09-2018
Classificação	17 Valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# Índice

Resumo-Palavras-chaves .....	4
Abstract- Keywords .....	6
Agradecimentos .....	7
1. Introdução.....	10
2. Breve historial da Galeria Académica do Museu da Ciência.....	19
2.1. Museu internacional “cristalizado no tempo”.....	27
2.2. A atual Galeria Académica: potencialidades e problemas .....	33
3. As Repúblicas Coimbrãs e a sua importância na vida universitária .....	45
3.1. Conselho de Repúblicas.....	55
3.2. Desenvolvimento do Conselho de Repúblicas .....	57
3.3. Projeto R .....	60
4. Estágio na Galeria Académica .....	62
4.1. Peças da Galeria.....	66
4.2. Estado atual das peças.....	68
4.3. Pratos.....	69
4.4. Copos e outros objetos domésticos.....	72
4.5. Peças sem identificação .....	74
4.6. Decretos .....	78
5. Base de dados .....	85
5.1. Fotografias .....	88
6. Conclusão.....	92
Fontes e Bibliografia.....	95
Webgrafia.....	101
Anexos.....	104

## Siglas e abreviaturas

AAC - Associação Académica de Coimbra

AR - Associação de Repúblicas

cm – centímetro/ centímetros

CR - Conselho de Repúblicas

DG - Direção Geral

DGPC - Direção-Geral do Património Cultural

GA - Galeria Académica

LQMP - Lei Quadro dos Museus Portugueses

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCI - Política Cultural Imaterial

PR - Projeto R

S. i. – Sem informação

UC - Universidade de Coimbra

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## Resumo-Palavras-chave

As repúblicas da Universidade de Coimbra e o seu espólio guardam uma boa parte da história da comunidade estudantil, permitindo captar a sua permanente evolução ao longo do tempo.

O presente trabalho tem como objeto de estudo contribuir para a caracterização/identificação do espólio de algumas repúblicas estudantis, o qual se conserva guardado na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, instituição que tem como objetivo preservar memórias académicas, promover o conhecimento sobre as comunidades estudantil e docente da Universidade de Coimbra e divulgar o espólio acumulado ao longo do tempo, entre o qual, as coleções que se foram organizando das várias repúblicas universitárias. O espólio objeto de análise é fundamentalmente constituído por vários tipos de faiança doméstica, desde pratos a copos, terrinas a canecas, entre outras peças representativas da vivência doméstica de uma “casa” de estudantes. Para além destas peças da cultura material, o núcleo dispõe ainda de fotografias, de recortes de jornais e de documentação avulsa de arquivo (decretos, livros de contas, livro de atas do Conselho de Repúblicas), entre outros testemunhos ou objetos evocativos da vivência histórica das Repúblicas estudantis.

A metodologia de trabalho compreendeu três fases distintas: levantamento e identificação de todo o espólio que integra o núcleo das Repúblicas; sua organização e catalogação em pastas específicas e, finalmente, o registo informatizado dos dados, tendo-se, para o efeito, elaborada uma base de dados.

Palavras-chave: Colégio de S. Jerónimo; Estudantes da Universidade de Coimbra; Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra; Repúblicas estudantis; Património material das Repúblicas; Tradições académicas.

## Abstract- Keywords

The University of Coimbra's Repúblicas and its estate keep a good part of the student community's history, allowing it to capture its permanent evolution over time.

The present work has as subject of study the characterization and identification of some student Repúblicas estate, which is kept in the Academic Gallery of the University of Coimbra's Museum of Science, an institution whose purpose is to preserve academic memories, promote knowledge about University of Coimbra's student and faculty communities and publicize the accumulated assets over time, among which the collections that have been organized from various university Repúblicas. The estate under analysis is mainly constituted by several domestic faience types, from dishes to glasses, terrines to mugs, among other pieces representative of the domestic experience of a student's "house". In addition to these pieces of material culture, it has also photographs, newspaper clipping and archived documents (decrees, account books, Council of Repúblicas minutes book), among other testimonies or objects about the historical experience of the student Repúblicas.

The work methodology had three phases: (1) survey and identification of all the estate that integrates the República's nucleus; (2) its organization and cataloging in specific folders and; (3) the computerized registration of this data inside a self-made database.

Keywords: College of St. Jerome; Students of the University of Coimbra; Academic Gallery of the Science Museum of the University of Coimbra; República of students; Material heritage of the Repúblicas; Academic traditions.

## Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem a ajuda de outras pessoas e, por isso, quero deixar umas palavras de reconhecimento a todos que contribuíram para a sua elaboração.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora científica do 2º Ciclo em Património Cultural e Museologia, a Professora Doutora Irene Vaquinhas, que esteve sempre presente quando precisei de tirar alguma dúvida e me indicou o caminho a seguir para a realização deste trabalho. Não me posso esquecer da paciência que teve comigo, nem das suas chamadas de atenção, com o intuito de não me atrasar com a entrega do trabalho e com a intenção de o realizar o melhor possível.

À Professora Doutora Carlota Simões quero agradecer o facto de me ter convidado para realizar um estágio na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Agradeço também ao Mestre Rui Lopes, ao tempo a trabalhar nesta instituição, por ter respondido às mil e uma dúvidas que eram suscitadas pela pesquisa que estava a fazer e por me ter dado algumas ideias sobre o modo de elaborar este relatório. Sempre que se deslocava a uma República perguntava-me se eu o pretendia acompanhar com o intuito de melhorar o conhecimento do objeto de estudo. Deixo-lhe um forte abraço. Não posso também deixar de agradecer, de um modo especial, à Sra. D. Maria da Graça, que teve sempre um comportamento exemplar comigo: tanto sabe ser séria quando era preciso como divertida se a ocasião se proporcionasse. Foi também com gosto que convivi com o Sr. Dr. Carlos Serra e, sobretudo, fui um privilegiado por ter beneficiado da sua cultura geral, tendo sempre respondido às minhas questões de uma forma clara e profunda.

Também quero deixar um especial agradecimento ao Sr. Dr. Tiago Salgueiro pela disponibilidade em atender aos meus pedidos e debater o assunto deste relatório,

tal como outras matérias museológicas. Não posso, também de deixar de agradecer a alguns estudantes que moram em Repúblicas, nomeadamente Diogo Barbosa, residente da Real República dos Inkas, meu amigo pessoal desde a licenciatura em História, e que sempre se manifestou disponível para debater o assunto das Repúblicas, sobre as quais tem um posto de vista bem distinto do conceito dominante no passado. Foi ele que me deu a conhecer outros órgãos que existiam para além do Conselho de Repúblicas e me apresentou um núcleo significativo de pessoas com quem muito aprendi. As minhas palavras de agradecimento também são extensivas ao Gonçalo Quitério, residente na Real República da Praça, por me ter explicado aspetos do funcionamento interno das repúblicas e me ter disponibilizado informação de grande utilidade para este trabalho. Estendo também este agradecimento ao Mário Carvalhal e ao Rafael Marques.

Uma palavra especial aos meus amigos de licenciatura que me têm acompanhado ao longo destes seis anos. Permitam-me que destaque o André Guedes, meu conterrâneo, meu companheiro de residência, um irmão para mim. Não posso deixar de agradecer ao Marcos Branco, meu padrinho de curso, pela sua presença constante, pela ajuda sempre que necessária, palavras que se aplicam também à minha madrinha de curso, Ana Pereira, atualmente distante da cidade de Coimbra. Alargo esta gratidão para com o meu amigo Hélder Brandão, sempre disponível para ajudar no que fosse possível. Uma palavra também muito grata para todos aqueles que residiram comigo e partilharam bons momentos ao longo do meu percurso estudantil, como o Nuno Pacheco, Victor Baptista, Luís Filipe Lobo Seixo, Ruben Jorge Ferreira, Flávio Pécurto, Daniel Reis Nunes, Nuno Castro, José Reis, Diogo Cancela, Daniel Nunes, Pedro Sobral, Lídia Rodrigues, Sara Diogo, Tiago Martins, Diana Faria, Sofia Marques, Mónica Godinho, Margarida Baptista, Jorge Gódo, António Pinto, Filipe Henriques, Mauro Pinto, Fidel Stefan, João Moura, João Ferreira, Gabriel Graça, João Alves, Maria Damas, Gonçalo Lopes, Sérgio Martins e Beatriz Coutrim.

Por último, o mais importante agradecimento destina-se à minha família, em particular aos meus pais. Sem eles teria sido impossível percorrer esta *viagem*, com um grande sacrifício financeiro e um enorme apoio moral. Estiveram sempre presentes, escutando os meus problemas, aconselhando-me em certas situações, preocupando-se com os meus estudos, ralhando comigo quando deixava alguma cadeira por fazer. Também quero agradecer à minha irmã, Patrícia Balhico, por dar vida à casa na minha ausência. Aos meus avós também quero deixar um agradecimento por ajudarem financeiramente sempre que era preciso, tal como o meu padrinho, Inácio Balhico e o meu tio João Balhico.

A todos, um grande bem hajam.

# 1. Introdução

Quando optei pela possibilidade de fazer um estágio em substituição da realização de uma dissertação de mestrado no âmbito do 2º Ciclo em Património Cultural e Museologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, não tinha um objetivo claro sobre o tema a desenvolver. Em conversa com a Professora Doutora Carlota Isabel Leitão Pires Simões, diretora do Museu da Ciência, colocou-se a hipótese de fazer um estágio na Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (GA), tendo como cerne de estudo o espólio da Queima das Fitas ou das Repúblicas de estudantes da Universidade de Coimbra. A minha escolha recaiu de imediato na segunda hipótese, visto ser uma temática complexa, interessante e profundamente motivadora, sabendo de antemão que, ao longo dos tempos, o conceito de república estudantil tem sofrido alterações na forma de ser interpretado, tendo constituído, nas décadas de 1950 e 1960, o símbolo maior da praxe académica.

Quanto à orientadora, escolhi a Doutora Irene Vaquinhas. Quando a convidei para me orientar, dei-lhe conhecimento que a Doutora Carlota Simões já me tinha deixado à vontade para poder realizar um estágio na Galeria Académica e quais as possibilidades temáticas a desenvolver. Não levantou qualquer objeção ao relatório de estágio, aceitando-o de bom agrado, ficando a Doutora Carlota Simões como coorientadora.

Antes de expor e desenvolver a temática selecionada, este trabalho inicia-se com uma breve apresentação do museu<sup>1</sup>, ou melhor, uma breve caracterização da Galeria Académica e do espaço que a acolhe, bem como do espólio exposto e das etapas principais do percurso museológico. De igual modo, se evocará o simbolismo

---

<sup>1</sup> Durante a realização do estágio, o nome deste espaço alterou-se, tendo a designação antiga de Museu Académico sido substituída por Galeria Académica, no ano de 2015.

deste museu para a cidade de Coimbra e o que este representa para o meio universitário e para a memória estudantil.

A GA tem como objetivo reunir o máximo possível de objetos e de documentação relacionada com o quotidiano do corpo estudantil da Universidade de Coimbra, de forma a se poder construir um discurso histórico, devidamente fundamentado, da vivência académica, suporte indispensável da memória, com o objetivo de poder recordar o passado e perceber como são desenvolvidos os ritos dos estudantes no presente. Pretende-se, através das peças expostas, registar etapas importantes quer da vida dos estudantes universitários, quer da comunidade estudantil no seu todo. Assim, entre outros casos representativos, a partir da exposição das *sebentas* e da alteração do seu formato e conteúdo ao longo do tempo é possível acompanhar a evolução dos materiais e dos livros de estudo. Através deste tipo de objetos podemos analisar individualmente a sua evolução, saber se os estudantes de hoje em dia cumprem as mesmas tradições, ou se, pelo contrário, estas caíram no esquecimento. Alguns dos objetos guardados (fotografias, decretos e outros) expõem acontecimentos diferentes, por exemplo, o cortejo de uma Queima das Fitas, a Tomada da Bastilha ou o cortejo das latas e a imposição de insígnias<sup>2</sup>. Entre os estudantes, esta última festa é conhecida pela Festa das Latas.

O estágio teve uma duração de cinco meses, tendo-se realizado entre 19 de Outubro de 2015 e 25 de Março de 2016. Em termos de organização diária, correspondeu a uma presença nas instalações de quatro dias por semana, de Segunda-Feira a Quinta-Feira, das 9h até às 18h, de acordo com o horário de abertura ao público então praticado, o qual se alterou recentemente, sendo, na atualidade, das 9:30h às

---

<sup>2</sup> Através de uma análise das fotografias que se encontram no Museu, podemos verificar que existem registos de vários acontecimentos académicos, bem como de cortejos de queima ou desfiles dos archotes. Contudo, o maior número de fotografias tem a ver com as comemorações dos centenários/milenários.

17:30h. Em termos de trabalho a executar, foi-me distribuído o núcleo das Repúblicas, constituído por um conjunto de pastas, competindo-me organizar todo o material que nelas se encontrava, selecionando-o por repúblicas, criando, ainda, uma outra pasta destinada ao Conselho de Repúblicas. A tarefa a realizar tinha como objetivo identificar o maior número de peças/documentos das repúblicas, ou seja, tinha que as descrever, caracterizar, datar, identificar a sua funcionalidade, em alguns casos, de forma a se dispor de um conhecimento, o mais alargado e preciso, sobre a coleção disponível na galeria.

No que respeita à organização deste núcleo, a maioria das Repúblicas está identificada por meio dos respetivos símbolos impressos. A documentação também inclui, para a maior parte das repúblicas, livros de atas, sendo um dos temas mais tratados, a avaliar pelos conteúdos, os respetivos registos dos centenários ou milenários. De igual forma, no espólio encontra-se um livro de atas do Conselho de Repúblicas, fonte histórica importante que permite compreender o modo de interação deste órgão com as várias repúblicas, a sua estrutura organizativa ou captar as suas finalidades e projetos a realizar. Também podemos destacar o conjunto de loiça doméstica e utilitária, proveniente de Repúblicas, conservado na Galeria, o qual é constituído por 42 peças. O núcleo também inclui alguns recortes de jornais, sobretudo de periódicos com informações sobre os eventos organizados pelas repúblicas. A identificação das repúblicas é feita, fundamentalmente, através do respetivo símbolo, como já se referiu. Finalmente, as pastas também contêm convocatórias, cartazes e fotografias.

O estágio implicava avaliar o material já inventariado e completá-lo com todo aquele que se encontrava em reserva, sendo, em princípio, para este último que se impôs contruir uma base de dados, uma vez que o registo dos dados ainda não está disponível no museu. A construção desta base de dados, em formato EXCEL, tem em vista proceder à informatização de todas as peças. Naturalmente que pressupõe o seu

prévio levantamento e seriação, bem como a respetiva especificação sobre o ponto de vista da forma e do conteúdo, ou seja, exigiu a sua caracterização física, sobretudo no que respeita a dimensão, materiais da sua composição e eventuais outros elementos. Finalmente, competia-me associá-las à iconografia, quer dizer, às imagens e aos símbolos das repúblicas, tarefa que se revelou um pouco problemática, dado que, até à data, estes objetos não tinham sido fotografados e digitalizados<sup>3</sup>. Trata-se de um trabalho que dificilmente pode ser dado por terminado, visto que, a todo o momento, chegam novas peças ao museu, incorporando o seu espólio. Dificultou também esta tarefa, o facto de a Galeria Académica não possuir uma boa câmara fotográfica para fotografar o espólio, apesar de já contar com um *scanner*, pronto a ser utilizado para este tipo de trabalhos.

Neste núcleo destaca-se uma coleção de decretos repúblicos, os quais pertencem, na sua maioria, a duas repúblicas, à Real República Rás-Teparta e à Real República Bota-Abaixo, não havendo qualquer documento desta natureza sobre o Conselho de Repúblicas<sup>4</sup>. Trata-se de uma documentação com informação histórica relevante, a qual permite, entre outras matérias, estudar a cronologia das reuniões efetuadas, matérias debatidas, ordens do dia, presenças e eventual importância na orgânica das repúblicas universitárias. A maioria destes decretos é das décadas de 1950 e 1960, embora alguns não identifiquem o ano, apenas o mês e o dia da reunião. A análise desta documentação revelou-se também difícil, sendo, em muitos dos casos, impossível identificar os seus participantes. Por um lado, em alguns decretos a caligrafia não é esclarecedora nem concludente, por outro, os nomes dos presentes

---

<sup>3</sup> Muitas das peças relacionadas com a temática das Repúblicas não estão digitalizadas nem associadas à base de dados digital do museu. Ou seja, relacionar o texto descritivo diretamente com a peça em causa não é instantâneo nem imediato, dada a ausência de fotografias das peças.

<sup>4</sup> Não existe um único decreto que seja exclusivo do CR. Todos os decretos disponíveis nesta coleção são singulares, ou seja, remetem para uma única república.

eram transcritos em latim macarrónico, alterado da sua forma oficial<sup>5</sup>. Neste caso usam-se os princípios da construção frásica latina, a qual é modificada, nomeadamente quando se utilizam palavras portuguesas desconhecidas do latim, nomeadamente no fim das palavras não se seguia o latim correto. Por exemplo, na palavra decreto, o verdadeiro latim, terminaria com “us” e, em latim macarrónico, os estudantes escreviam com “um”<sup>6</sup>.

A primeira avaliação ao espólio que se impunha estudar permitiu verificar que cerca de metade das peças já estavam inventariadas, nomeadamente todas aquelas que se encontram expostas. Antes de finalizar o estágio na GA, entrou uma peça relacionada com as repúblicas, mais precisamente, um azulejo da Real República Ay-Ó-Linda, o qual também foi incluído na base de dados.

A maioria dos objetos que integram o espólio das Repúblicas é cronologicamente datado das décadas de 1950 e 1960<sup>7</sup>, não havendo datas precisas quanto ao ano em que se procedeu ao seu registo no museu. A agravar esta escassez de informação, um número elevado desses objetos não tem qualquer tipo de identificação, nada se sabendo quanto ao doador ou data da entrega nesta secção. A ausência de número de registo de entrada da peça na galeria, ou de quaisquer outros dados, tornou complexa a pesquisa, muito em particular, o preenchimento dos diversos campos da base de dados, a qual foi pensada e gizada para contemplar vários itens do espólio em causa<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Este tipo de latim é corrompido intencionalmente pelos seus praticantes. Tem como objetivo tornar a escrita paródica e como um momento engraçado.

<sup>6</sup> <http://notasemelodias.blogspot.pt/2011/12/notas-ao-latim-macarronico-regras-de.html>, 24/11/2017, 10:30h.

<sup>7</sup> Estas peças vieram diretamente do Antigo Museu da Academia.

<sup>8</sup> É importante referir que, no momento em que a maioria das peças foi incorporada no edifício, este ainda era conhecido como Museu Académico de Coimbra, e não como Galeria do Museu da Ciência. A

Este relatório está organizado em três capítulos, os quais estão subdivididos por subcapítulos. Antes de expor a parte mais técnica do estágio, comecei por fazer uma abordagem de caráter histórico da galeria, antigo museu académico, incidindo, de uma forma sumária, na sua fundação e coleções, fazendo igualmente uma breve análise do seu estado atual e o que representa museologicamente para a cidade e para a instituição universitária. Também me preocupei em fazer um pequeno inquérito, dirigido a estudantes da UC, com a finalidade de verificar se têm conhecimento da sua existência, localização e se, alguma vez, efetuaram uma visita à Galeria Académica.

No segundo capítulo abordam-se as repúblicas universitárias e, muito em particular, o seu funcionamento interno. Este tipo de residência universitária albergou, ao longo do tempo, muitos estudantes, desde as que se extinguiram por falta de elementos ou perda da casa, até as que continuam em funcionamento<sup>9</sup>. De uma forma geral, ao chegarem a Coimbra para frequentarem a Universidade, os jovens procuram

---

partir da mudança da designação, a qual ocorreu em 2015, foram poucas as peças entradas. Já quanto às peças que têm entrado recentemente no Museu, é possível ter-se uma informação mais detalhada, sobretudo quanto à data de incorporação, o nome do doador da peça, a data da festividade ou do evento que evocam. Por norma, essas informações estão atualmente sempre presentes, o que não sucedeu com algumas peças mais antigas.

<sup>9</sup> Através da documentação a que tive acesso, podemos observar que, hoje em dia, desapareceram algumas repúblicas. A maioria destas repúblicas foi perdendo estudantes, logo, sem estudantes não se pode dar continuidade a este tipo de residência universitária devido aos custos financeiros já que quanto menos pessoas viverem numa república, maior são os seus custos. Outras repúblicas desapareceram por não terem conseguido chegar a um acordo com o senhorio pelo facto de as rendas serem demasiado elevadas para os orçamentos dos estudantes. Outro motivo tem a ver com a circunstância de o senhorio ter preferência em fazer obras para arranjar o espaço e com isto aumentar os valores das rendas mensais ou com o intuito de vender o espaço. No que diz respeito às repúblicas atuais, existe uma maior organização quanto às formas de recrutamento de estudantes para habitarem o espaço. Embora com dificuldades, assim vão “sobrevivendo”, mantendo-se as repúblicas ativas.

instalações onde lhes seja possível duas necessidades básicas, dormir e comer<sup>10</sup>, ou, como afirma Teresa Carreiro, “Os repúblicos usufruíam dos produtos “cama” e “mesa” – pois recorria-se às apelidadas “senhoras Marias” (serviçais), pessoas “estrangeiras” às Repúblicas, para a limpeza das instalações, compras de bens alimentares e elaboração das refeições (...)”<sup>11</sup>.

No terceiro capítulo é desenvolvido o trabalho efetuado no âmbito do estágio. Em termos concretos, comecei por fazer uma recolha de informação sobre as peças que me foram distribuídas. Como primeiro passo, procedi à repartição das peças por repúblicas, de forma a facilitar a minha pesquisa. Foi fundamental para esse trabalho, o fato de cada república ter uma simbologia, no fundo um logo, autónomo e singular, o que as permitia distinguir relativamente às restantes. Efetuada esta primeira aproximação à coleção, procedi a idêntico trabalho com cerca de cinquenta peças que nunca tinham sido analisadas. Em relação aos decretos disponíveis no museu, apenas se tem conhecimento da sua autoria, ou seja, quem os redigiu e/ou desenhou, os anos em que foram promulgados e as repúblicas a que se reportam. Completa esta coleção um copiógrafo<sup>12</sup>, isto é, um utensílio que servia para fazer cópias de panfletos e de notícias. Sobre os doadores desta peça, nada se sabe, não existindo, por conseguinte, elementos que permitam uma descrição mais detalhada, quanto à sua proveniência.

Em rigor, o meu trabalho incidiu, sobretudo, na descrição da documentação sobre as repúblicas, em especial os decretos disponíveis na reserva da GA. Vários destes decretos estão relacionados com a celebração do centenário ou milenário<sup>13</sup>. Na

---

<sup>10</sup> CARREIRO, Teresa, *Viver numa República de estudantes de Coimbra, Real República Palácio da Loucura, 1960-70*, Campo de Letras, Porto, 2004, pp. 69-70.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>12</sup> Esta máquina teve grande importância durante a crise académica de 1969, tendo servido para fazer, em grande número, cópias de textos para serem distribuídos pela comunidade estudantil.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 81-84.

terminologia república, um centenário equivale a cem anos de vivências e aprendizagens. Em termos de calendário gregoriano, um centenário representa um ano. Os milenários correspondem a 1000 anos. A justificação desta cronologia específica baseia-se no facto de os tempos “comunitários” vividos numa República corresponderem a uma experiência de vida muito intensa e plena de desafios, acelerando a noção de tempo. Na sala de reserva também podemos encontrar faiança doméstica pertencente a várias repúblicas, a qual não está acessível aos visitantes, bem como peças ainda não estudadas (entre as quais o copiógrafo atrás mencionado). Com base neste núcleo, competia-me construir uma base de dados, cuja estrutura incluía, entre outros campos a criar, a classificação do seu estado de conservação.

Afigura-se útil a criação desta base de dados, uma vez que, pelo menos em teoria, dará à GA um conhecimento da coleção das Repúblicas que guarda nas suas instalações e, eventualmente, no futuro, poderá disponibilizá-la na internet de forma a aumentar as possibilidades de pesquisa à distância, objetivo essencial da atual ciência aberta<sup>14</sup>. O material tratado foi completado com fotografias feitas pela câmara fotográfica do telemóvel do estagiário, estando individualmente separadas por repúblicas, não possuindo, naturalmente, devido a esse facto, qualidade de resolução, situação que exige o recurso a outros meios. Contudo, apesar da deficiente qualidade das fotografias captadas, fica um primeiro registo de imagem para memória futura.

Temos consciência de que este relatório tem deficiências e que o melhor conhecimento do espólio das Repúblicas exige pesquisas mais aprofundadas. No caso

---

<sup>14</sup> No que diz respeito às fotografias, são todas da minha autoria, incluindo as relativas a peças de louça. Estas ficarão depositadas, depois de agrupadas, numa pasta individual com a respetiva cota que o museu já lhe tinha dado anteriormente. Em relação a outras peças, estas dispõem de uma cota, que provisoriamente é fictícia, ficando à responsabilidade dos funcionários deste espaço dar seguimento ao modo de arrumação elaborado por mim ou de se criar uma nova cota, mais adequada às exigências e aos objetivos que se pretende dar às peças.

destas últimas, seria conveniente confrontá-las com outro tipo de fontes históricas, entre as quais, a imprensa periódica, de modo a tentar determinar quais os acontecimentos ou as festas registadas. As festividades das repúblicas contavam com um público numeroso, mas nada sabe se sabe quanto ao tipo de festividade reportada. Uma outra possibilidade seria o recurso a entrevistas a quem viveu ou partilhou os acontecimentos em causa, o que exige, naturalmente, detetar individualidades repúblicas, o que não deixa de ser problemático. Muitas destas festividades já ocorreram há mais de 50 anos, o que coloca dificuldades à investigação a efetuar, devido à avançada idade de antigos repúblicos ou seu eventual falecimento.

## 2. Breve historial da Galeria Académica do Museu da Ciência

A atual Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, ao longo da sua existência, sofreu várias alterações quanto à sua sede e administração. O museu teve como origem uma exposição realizada numa das salas da Associação Académica de Coimbra, no ano de 1951. Neste mesmo ano, em Março, a Direção Geral da AAC, por intermédio da Comissão Organizadora do Museu Académico, chama a atenção para a necessidade de se encontrar um espaço para o museu e de se juntar o maior número possível de objetos que estivessem relacionados com as tradições estudantis<sup>15</sup>. Essa iniciativa partiu da Comissão Central da Queima das Fitas de Coimbra e da própria Associação de Estudantes, um ano antes, no ano de 1950<sup>16</sup>, para ser mais específico, no dia nove de Fevereiro, através do Conselho Cultural da AAC<sup>17</sup>.

Começou por ser dirigido por uma comissão instaladora, a qual era constituída por um grupo de pessoas responsável por reunir espólio associado às tradições estudantis<sup>18</sup>. Anos mais tarde, em 1958, viria a ter uma comissão central dependente da Associação Académica de Coimbra<sup>19</sup>. Tendo em conta a constituição dos seus órgãos, observa-se que, em sete anos, a direção do museu passa de comissão

---

<sup>15</sup> *Protocolo de Instalação do Museu Académico de Coimbra*, Coimbra, Paço das Escolas, 20 de Dezembro de 1990, p. 2.

<sup>16</sup> LOPES, Rui Pedro, *MUSEU ACADÉMICO DE COIMBRA: evolução histórica, coleções e proposta de atualização*, Relatório de estágio, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, p. 27.

<sup>17</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 27.

<sup>18</sup> O espólio que se tentava recolher para este museu era fundamentalmente constituído por documentação, fotografias, jornais, plaquetes, livros, discos, loiça, guitarras, trajes académicos, entre outro tipo de material. O intuito era encontrar doadores que pudessem enriquecer o espólio deste espaço.

<sup>19</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 32.

instaladora para uma secção da AAC<sup>20</sup>, a qual viria a tornar-se dependente da mesma AAC<sup>21</sup>.

Este museu permaneceu no mesmo local, isto é, a sala do edifício da AAC onde se realizou a primeira exposição, até 1987, ano em que mudou para o colégio de S. Jerónimo, a 11 de Dezembro desse ano<sup>22</sup>, local onde está atualmente sediado. Um pouco do historial deste colégio também deverá ser evocado, remontando a instalação da ordem de S. Jerónimo em Coimbra ao século XVI. A partir do ano de 1539 inicia-se a deslocação de alguns membros desta ordem, os quais estavam instalados no convento de S. Domingos, mas só uma década mais tarde se daria início à construção do colégio. Em 1549 são adquiridas algumas casas e terrenos a norte do castelo<sup>23</sup>, dando-se, assim, início à construção do edifício. Até à finalização da construção do colégio, os frades Jerónimos habitaram vários espaços, tendo estado, por mais de uma década, a viver nos paços reais. Entre o ano de 1572 e o de 1573 os membros desta ordem mudam-se para as suas novas instalações<sup>24</sup>.

A extinção das ordens religiosas a 30 de Maio de 1834, bem como a lei de 4 de Abril de 1864, viriam a constituir um duro golpe para a ordem de S. Jerónimo, tendo-lhe sido retirado bens, o que conduziu à sua extinção. A partir desse momento, o seu património documental ficou à responsabilidade da Repartição de Finanças do Distrito de Coimbra<sup>25</sup>. Mais tarde, a 4 de Janeiro de 1937, o Ministério das Finanças avança com

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>22</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 63.

<sup>23</sup> Apesar de terem adquirido alguns bens em 1549, os membros desta ordem tiveram de aguardar pelo ano de 1565, data que marca o início da construção do colégio. Esta obra foi realizada ao tempo de frei Diogo de Murça.

<sup>24</sup> CAPELO, Ludovina Cartaxo, *Colégio de S. Jerónimo*, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 2010, p. 2.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 2.

a proposta de transferir a documentação para o Arquivo da Universidade de Coimbra e esta transferência concluiu-se com sucesso no mesmo ano, a 28 de Dezembro<sup>26</sup>. Em 1836 estas instalações foram doadas à Universidade de Coimbra. Desde então, o Colégio de S. Jerónimo já foi sede de vários estabelecimentos, a exemplo do Hospital da Universidade de Coimbra. Hoje em dia funcionam neste edifício serviços administrativos e departamentos da UC.

Convém referir que este museu quando se instalou no colégio era designado por Museu Académico de Coimbra. Presentemente, a sua designação alterou-se, tendo passado a denominar-se Galeria Académica do Museu da Ciência<sup>27</sup>, em virtude de passar para a tutela do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra<sup>28</sup>. A mudança ocorreu em meados de 2015, tendo sido inaugurado pelo antigo Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Seguindo o conceito de museu definido pelo ICOM<sup>29</sup>, organização internacional de museus e de profissionais de museus, “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”<sup>30</sup>. Esta definição, bem como a sua eventual adequação ao caso em estudo, ajuda-nos a refletir sobre competências e os obstáculos da atual GA que iremos observar no decorrer deste trabalho.

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, pp. 2-3.

<sup>27</sup> O Colégio de S. Jerónimo deixa, por conseguinte, de ser um espaço ligado à área da saúde para acolher a área da cultura.

<sup>28</sup> Hoje em dia o Museu da Ciência coordena o antigo Museu Académico. Existe um protocolo que permite, com um único bilhete, a realização de visitas aos dois espaços.

<sup>29</sup> *International Council of Museums Portugal*.

<sup>30</sup> <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>, 26/05/2018, 16:20H.

A GA é um espaço que tem sabido conservar o espólio que dispõe nas suas instalações, o que possibilita, ao visitante, compreender e ter um contacto mais próximo com algumas tradições estudantis, algumas das quais têm vindo a desaparecer ou estão mesmo à beira da extinção. Na verdade, como explica a autora, Alice Semedo, "(...) Deve ter a preocupação de estudar, conservar e apresentar convenientemente as coleções que possui, usando-as em ações científicas-pedagógicas (...)"<sup>31</sup>.

Se algumas práticas subsistem, de modo idêntico ao passado, outras, pelo contrário, perderam-se, de que é exemplo representativo a doação de peças de loiça alusivas a efemérides, a qual, neste momento, é praticamente nula. A conservação das memórias, pela via da cultura material, ajuda a manter práticas de outros tempos<sup>32</sup>, bem como permite dar a conhecer no que consistia, entre outras tradições estudantis, a comemoração dos centenários<sup>33</sup>. Com efeito, como esclarece Natália Fauvrelle, tomando de empréstimo a definição feita pela Carta de Cracóvia, deve entender-se por património o "conjunto de obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e especificação do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores"<sup>34</sup>. *Mutatis, mutantis*, a GA procura representar aspetos e tradições da comunidade académica da Universidade de Coimbra, alguns dos quais também foram chegando a outras Universidades. No que diz respeito às repúblicas, estas afiguram-se

---

<sup>31</sup> SEMEDO, Alice, *Coleções de ciências físicas e tecnologias em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7644.pdf>, 9/06/2018, 23:33H, p. 49.

<sup>32</sup> FAUVRELLE, Natália, *Processos de Musealização. Um Seminário de Investigação Internacional. Atas do Seminário - De Paisagem a Património - a classificação como Processo de Musealização da Paisagem*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015, p. 160.

<sup>33</sup> CARREIRO, Teresa, *ob. cit.*, pp. 80-81.

<sup>34</sup> FAUVRELLE, Natália, *ob. cit.*, p. 161.

ter servido de modelo a repúblicas estudantis no Brasil, na cidade de Olinda, configurando uma tradição portuguesa transplantada para esse país por estudantes brasileiros. Neste caso, a maioria dos estudantes habita em repúblicas federais (23%) e em repúblicas particulares (39%)<sup>35</sup>, contando com um total de 62% de estudantes a habitar repúblicas. As repúblicas federais são espaços que estão sob a tutela da Universidade e os residentes destas repúblicas estão isentos de pagar aluguer da casa<sup>36</sup>.



Fig. 1. Fotografia do atual Colégio de S. Jerónimo, onde se encontra instalado o antigo museu académico da Universidade de Coimbra. A fotografia foi tirada a partir da Faculdade de Matemática

Fonte: Fotografia do autor

---

<sup>35</sup>Otávio Luis Machado, *As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2003, pp. 197-199, <http://journals.openedition.org/rccs/1174>, 12/12/2017, 13:38h.

<sup>36</sup> A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) é entidade responsável por este tipo de habitações, bem como pela sua gestão e por tentar adequar o número de estudantes residentes ao espaço, *Ibidem*, pp. 197-199, 12/12/2017, 13:38.

No espaço do circuito temático/museológico, que constitui a atual Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, podemos encontrar elementos alusivos a aspetos múltiplos da vida académica de um estudante da UC, desde as insígnias de condecoração da AAC aos trajes académicos, diplomas de licenciatura ou de bacharelato, guitarras, nomeadamente, guitarras portuguesas (instrumento importante do fado de Coimbra), várias peças alusivas às festas da Academia, entre as quais, cartazes e outra iconografia, bilhetes individuais ou gerais de entrada nos recintos ou para os bailes, fitas, entre muitos outros objetos ligados às tradições e festividades universitárias. Além da loiça doméstica de várias repúblicas, encontra-se também faiança comemorativa (pratos, terrinas, entre outras peças) de uma qualquer efeméride, e que, por circunstâncias fortuitas ou específicas, foi doada ao museu<sup>37</sup>. Se, noutros tempos, havia uma tradição de doar este género de peças, este tipo de construção de memória, através da materialidade de objetos, tem-se vindo a perder, arrastando consigo a perda de uma identidade.

Este tipo de objetos serve como um auxiliar de memória e tem uma relevância significativa para evocar um marco especial. Como refere o autor, Paul Connerton, as memórias cognitivas albergam o termo "recordar"<sup>38</sup>. Por exemplo, através de uma fotografia podemos ter um apoio para explicar o que aconteceu num dado momento e relatar as "histórias" que se seguiram. Se considerarmos este tipo de objetos como elemento evocativo de uma data importante para as repúblicas pode-se considerar a sua doação como essencial para a GA. Constitui uma forma de preservação patrimonial,

---

<sup>37</sup> Esta tradição tem-se perdido com o passar do tempo. São peças importantes para o museu. Este tipo de peças é produzido em datas importantes para a república, embora, por norma, evoca a celebração de centenários ou de milenários.

<sup>38</sup> CONNERTON, Paul, *Como as Sociedades Recordam*, Celta Editora, Oeiras, 1999, pp. 25-26.

permite aumentar materialmente o seu espólio e possibilita evocar acontecimentos que, de outro modo, se teriam perdido ou caído no esquecimento<sup>39</sup>.

A Galeria está instalada no Colégio de S. Jerónimo e o espaço que lhe é reservado distribui-se por quatro salas e pelos respetivos corredores do claustro. Estas divisões compõem um circuito temático, museológico e histórico, sobre os estudantes e a Academia Estudantil. A GA não se limita apenas ao claustro. Conta com mais duas salas no piso superior, as quais estão reservadas para as secções desportivas da AAC. De uma forma mais específica, cada sala procura mostrar ou dar a conhecer memórias de uma tradição estudantil ou acontecimentos/factos relacionados com a vida académica. De acordo com o atual discurso expositivo, a primeira sala, designada por Sala Joaquim Teixeira Santos, mostra ao público uma coleção constituída por esta personalidade ao longo da sua vida, a qual foi doada pela sua mulher após a sua morte<sup>40</sup>. O doador, natural de Coimbra (1926-1996), foi um profundo divulgador das tradições coimbrãs, tendo ao longo da sua vida constituído coleções, entre as quais, a que sua mulher, Maria Manuela Carvalhão, doou à Galeria Académica e que é formada predominantemente por peças alusivas aos Lusíadas. Também se verifica que existe uma quantidade significativa de peças de cerâmica, entre as quais se destaca o busto de Luís de Camões<sup>41</sup>. Na segunda sala, Sala da canção Coimbrã ou Sala do Fado de Coimbra, encontram-se algumas guitarras, distinguindo-se a guitarra portuguesa pelos seus próprios atributos, sendo uma peça essencial para o fado de Coimbra<sup>42</sup>. As

---

<sup>39</sup> CONNERTON, Paul, *ob. cit.* p. 50.

<sup>40</sup> "Teixeira Santos dá nome a avenida de Antanho", *Diário das Beiras*, 13 de Setembro de 2013, <http://guitarradecoimbra4.blogspot.com/2013/09/avenida-dr-joaquim-teixeira-santos.html>, 03/06/2018, 14:23.

<sup>41</sup> Nesta sala ainda se encontram vários objetos de faiança, nomeadamente pratos e estatuetas de pequenas dimensões.

<sup>42</sup> Existem três tipos de Guitarra Portuguesa, Guitarra portuguesa de Coimbra, de Lisboa e do Porto. Neste trabalho, abordarei algumas características da guitarra portuguesa de Coimbra. A guitarra de

principais características desta guitarra repousam no facto de ter uma caixa mais afinada que a da guitarra clássica e o seu som permite ajustar-se ao ritmo de uma balada<sup>43</sup>. Em relação ao som que produz tem uma escala mais comprida, escalando-se do Lá Sol Ré Lá Sol ao Dó<sup>44</sup>. Por último, a voluta tem forma oval.

A terceira sala é destinada à Queima das Fitas, na qual se expõe uma peça fundamental, uma aguarela retratando esta festa, pintada por Diogo Francisco de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, 3º Marquês de Reriz. Nascido a 30 de Março de 1900 em São Pedro do Sul, este pintor licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e, entre os vários cargos exercidos, foi Presidente da Câmara da mencionada localidade (1937-1939)<sup>45</sup>. Faleceu a 7 de Novembro de 1962<sup>46</sup>. Conhecem-se, da sua autoria, alguns quadros. Esta sala é dedicada às tradições que estão ligadas aos estudantes e nomeadamente à Queima das Fitas de Coimbra, estando expostos, desde bilhetes de entrada nos recintos ou para os espetáculos, singulares e gerais, a cartazes, dedicatórias, folhetos informativos, entre outros testemunhos desta e de outras

---

Coimbra é maior que a guitarra de Lisboa, sendo a sua afinação diferente das restantes, oscilando dos sons agudos aos graves.

<sup>43</sup> [http://casadaguitarra.pt/categorias\\_produto/guitarras-portuguesas/](http://casadaguitarra.pt/categorias_produto/guitarras-portuguesas/), 15/12/2017, 11:10H.

<sup>44</sup> <http://casadaguitarra.pt/produto/guitarra-de-portuguesa-de-coimbra/>, 15/12/2017, 11:12H.

<sup>45</sup> ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, *O Poder Local do Estado Novo à Democracia: Presidentes de Câmara e Governadores Civis 1936-2012*, Lisboa, 2013, [https://books.google.pt/books?id=rCfzHAjW5y0C&pg=PT328&lpg=PT328&dq=Diogo+Francisco+de+Almeida+de+Azevedo+e+Vasconcelos&source=bl&ots=OtW7mOdopD&sig=1x-zLNbTZmc1RucuW6fW\\_bPU&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi7hrr0zrfbAhUF0RQKHbRDCkoQ6AEIWzAP#v=onepage&q=Diogo%20Francisco%20de%20Almeida%20de%20Azevedo%20e%20Vasconcelos&f=false](https://books.google.pt/books?id=rCfzHAjW5y0C&pg=PT328&lpg=PT328&dq=Diogo+Francisco+de+Almeida+de+Azevedo+e+Vasconcelos&source=bl&ots=OtW7mOdopD&sig=1x-zLNbTZmc1RucuW6fW_bPU&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi7hrr0zrfbAhUF0RQKHbRDCkoQ6AEIWzAP#v=onepage&q=Diogo%20Francisco%20de%20Almeida%20de%20Azevedo%20e%20Vasconcelos&f=false), 8/6/2018, 22:00H.

<sup>46</sup> <https://www.geni.com/people/D-Diogo-Francisco-de-Almeida-de-Azevedo-e-Vasconcelos-3%C2%BA-marqu%C3%AAs-de-Reriz/6000000021026727376>, 29/05/2018, 08:50H.

tradições académicas<sup>47</sup>. Na quarta e última sala, Sala das Insígnias da UC, encontram-se expostos dois hábitos talaes com insígnias (borla e capelo), traje académico utilizado nos doutoramentos solenes da UC<sup>48</sup>, entre outras peças evocativas destas cerimónias. Ainda conta com algumas peças de pequeno porte. Por último, no piso superior ao principal, acessível por um breve lance de escadas, encontram-se as instalações da reserva, as quais não constam no plano da visita, bem como uma biblioteca para os investigadores com uma vasta coleção de livros específicos sobre a vivência e memórias académicas da Universidade de Coimbra, e duas salas onde se encontram expostos os troféus ganhos pelas várias secções desportivas ao longo do tempo e desde a sua fundação<sup>49</sup>. Hoje em dia, existem 22 secções desportivas representadas na Associação Académica<sup>50</sup>.

## 2.1. Museu internacional “cristalizado no tempo”

O museu Académico, a atual Galeria Académica do Museu da Ciência, desde a sua abertura até ao tempo presente, caracteriza-se por pertencer à tipologia de museu universitário, intrinsecamente associado à Universidade de Coimbra. Este tipo de

---

<sup>47</sup> Antigamente estas tradições eram cumpridas pelos estudantes. Hoje em dia, a Queima das Fitas continua a se realizar mas as tradições pré-queima praticamente desapareceram.

<sup>48</sup> Nesta sala não se encontra exposto o traje académico dos estudantes, mais conhecido por capa e batina, mas tão-só, como se referiu, o hábito talar e as respetivas insígnias (borla e capelo da cor da respetiva faculdade na qual fizeram o seu doutoramento) usado pelos professores (doutorados) em cerimónias solenes académicas.

<sup>49</sup> Andebol, atletismo, badminton, basebol, bilhar, boxe, cultura física, desportos monitorizados, Desportos náuticos, Futebol, ginástica, halterofilismo, judo, karaté, natação, patinagem, radiomodelismo, rugby, ténis de campo, tiro com arco, voleibol e xadrez. Hoje em dia, são estas a secções ativas.

<sup>50</sup> <https://neeaac.wordpress.com/2012/09/23/seccoes-culturais-e-desportivas-da-aac/>, 01/06/2018, 22:20H.

museus não está ligado apenas às tradições universitárias. Existem museus universitários com outras perspetivas, nomeadamente, ligado à área das Ciências, com a missão de poderem demonstrar ao público, inúmeras experiências e antigas peças que eram utilizadas nos primórdios das Universidades portuguesas<sup>51</sup>. A Galeria constitui um dos museus que, em Portugal, tem como missão recolher, estudar e divulgar patrimónios relacionados com a vida estudantil. Como esclarece Rui Lopes, "(...) No que respeita a Portugal, existem apenas três casos: o Museu Académico de Coimbra, a prisão académica da UC e as coleções de vida estudantil no Museu da História da Medicina Maximiano Lemos, da Universidade do Porto, constituído no ano de 1933 (...)"<sup>52</sup>. Em Portugal podemos encontrar três espaços que estão relacionados com a vida académica<sup>53</sup>. No contexto internacional também se encontram casos semelhantes. Na Europa existem museus ou espaços museológicos dedicados à vida académica universitária, como é o caso na Bélgica, em Itália, em Espanha, na Polónia, na Rússia, na Suíça e na Alemanha. No último país referenciado existe um museu/instituição com coleções de vida estudantil, Old Heidelberg University e oito prisões estudantis<sup>54</sup>.

Em termos institucionais, existiam, ao nível mundial, de acordo com o levantamento efetuado por Rui Moreira Lopes, em 2012, 8 museus relacionados com a vida estudantil, 10 museus e instituições com coleções de vida estudantil e 9 prisões estudantis. Noutros continentes, nomeadamente na Ásia, na Oceânia e na América do Sul também existem espaços museológicos relacionados com a vida académica<sup>55</sup>,

---

<sup>51</sup> <https://portefolioseminarionr.webnode.pt/projeto/museus-universitarios/>, 9/06/2018, 22:30H.

<sup>52</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 12.

<sup>53</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 9.

<sup>54</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 8.

<sup>55</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 8.

nomeadamente na Argentina, mais precisamente na Universidade de Córdoba<sup>56</sup>, bem como no Brasil, no museu Memorial da Medicina na UFBA<sup>57</sup>.

Relativamente à Galeria Académica, em termos expositivos, verifica-se, à primeira vista, uma acumulação excessiva de peças no mesmo local, como ocorre no caso específico das salas onde estão dispostos os troféus conquistados pelas várias secções desportivas da AAC. Quando acontece uma situação dessa natureza, o amontoar de peças não permite distinguir o essencial do acessório, a peça importante da comum e banal, dificultando a leitura expositiva da coleção. Essa dificuldade é agravada, na minha opinião, pela inexistência de legendas explicativas das peças expostas<sup>58</sup>. Ao visitar as salas dos troféus desportivos, observa-se o conjunto extremamente numeroso de troféus e encara-se como um único conjunto, não se singularizando as várias atividades desportivas nem se apercebendo dos troféus que estão escondidos<sup>59</sup>. No fundo, não se presta atenção às atividades desportivas *per se* ou aos méritos e evolução de cada desporto, sendo a leitura global demasiado massificada. São muitos troféus expostos e os que ganham destaque são os de maior porte ou os que estão em melhores condições.

Do ponto de vista museológico, este espaço cumpre muitas das funções inerentes ao conceito do museu, de acordo com o artigo 3.º da Lei-Quadro dos Museus

---

<sup>56</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 9.

<sup>57</sup> LOPES, Rui Pedro, *ob. cit.*, p. 9.

<sup>58</sup> Torna-se impossível fazer uma legenda individualizada de todos os troféus porque são centenas. Contudo, afigura-se impossível um outro tipo de apresentação, por exemplo, em secção destacar dois/três troféus, aqueles que eram considerados mais importantes dentro da modalidade, de modo a que o público visitante ficasse com uma breve da importância dos títulos e quais as épocas desportivas com maior número de sucessos.

<sup>59</sup> Por ser uma enorme coleção de troféus, as pessoas tem tendência para dar mais atenção aos objetos de maior porte ou aqueles que são mais prestigiados. Um exemplo disso mesmo é a visibilidade dada à Taça de Portugal por parte da AAC.

Portugueses, em particular os pontos a) e b) que explicitam o seguinte: valorizar as coleções através de investigação, conservação, incorporação de peças e proporcionar o acesso a este tipo de documentação<sup>60</sup>. Temos de salientar que a Galeria tem dificuldades financeiras, condicionalismos que a não impedem de desempenhar estas funções, a uma menor escala. Apesar do espólio estar constantemente em aumento, os responsáveis da Galeria tentam manter a base de dados atualizada. Para além deste caso, o qual implica grande esforço dada a escassez de pessoal, poderíamos destacar outros pontos que demonstram que a GA realiza a maioria das funções acometidas aos museus, cumprindo a inventariação e a catalogação das coleções do museu, efetuando medidas de defesa e de conservação dos objetos e estudando/investigando aqueles que integram as suas coleções<sup>61</sup>. É um espaço que cumpre perfeitamente estes passos de uma forma completa e cuidada. No que diz respeito à interpretação das peças, afigura-se que seria conveniente rever os objetivos estratégicos para este local, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de outros métodos para atrair um maior número de visitas possível, de modo a tornar o espaço mais atrativo e apelativo<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> <http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Bibliografia/1912/1912.pt.pdf>, 29/05/2018, 17:50H.

<sup>61</sup> *Adenda ao Protocolo de Instalação do Museu Académico De Coimbra*, Coimbra, Paço das Escolas, p. 2.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 2.

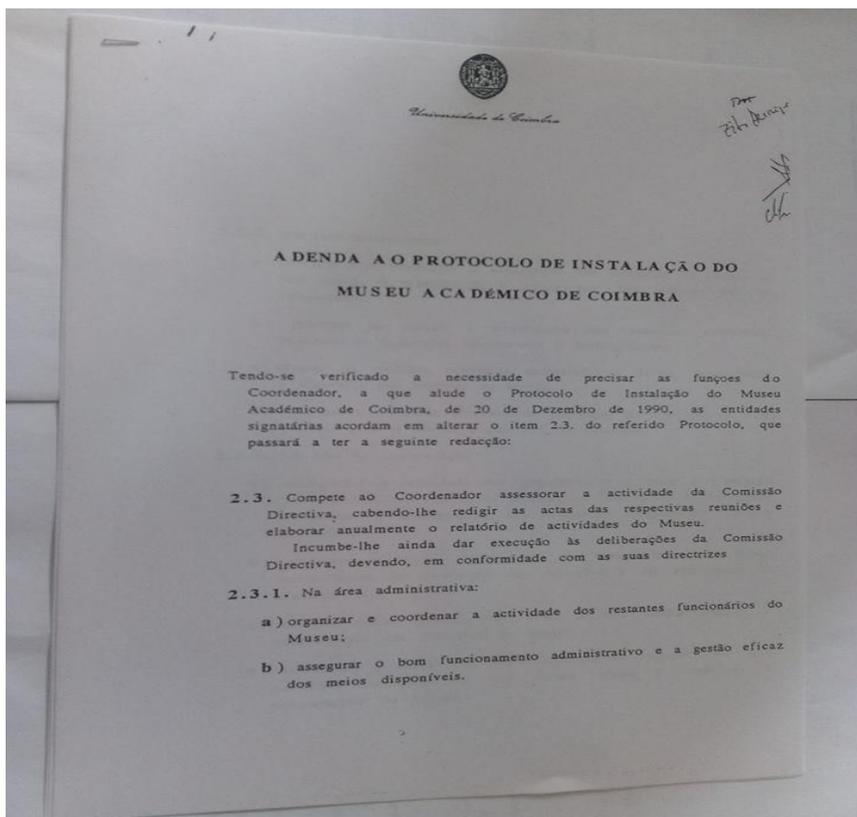


Fig. 2. Pormenor da adenda ao protocolo de instalação do Museu Académico de Coimbra, formalizado a 20 de Dezembro de 1990, o qual se encontra no Arquivo da GA

Fonte: Fotografia do autor

Na nossa opinião, a mudança de nome, de museu para galeria, não beneficiou o espaço. O termo museu tem maior impacto do que galeria, por isso, *à priori* os visitantes dão preferência aos museus em detrimento de outros espaços, inclusive a Galeria Académica da Universidade de Coimbra. Este espaço deveria ter um maior protagonismo nas visitas realizadas quer na Universidade quer nos museus de Coimbra. Afigura-se que poderia ser encarado como um museu "obrigatório" para quem visita esta cidade, visto ser um espaço que representa a comunidade estudantil bem como as suas tradições, que marcaram, e ainda marcam, a vivência da cidade, a qual ainda é, para muita gente, a "cidade dos estudantes". Na nossa opinião, é necessário criar mecanismos que lhe dêem uma maior visibilidade e que permitam que o espaço tenha uma maior influência do que aquela que tem nos dias de hoje.

Como se pode ler na Lei Quadro dos Museus Portugueses, de 19 de Agosto de 2004, no capítulo 1, Artigo 1.º, Disposições Gerais, linha f)<sup>63</sup>, é importante “Promover a institucionalização de formas de colaboração inovadoras entre instituições públicas e privadas tendo em vista a cooperação científica e técnica e o melhor aproveitamento possível dos recursos dos museus”. Nesse sentido, impõe-se como urgente dinamizar os seus projetos museológicos com outras entidades para que se promova um aproveitamento e potencialização do espólio. Afigura-se necessário realizar um trabalho mais elaborado, em várias vertentes, de modo a se dar a conhecer, de uma forma mais profunda, as tradições académicas da Universidade mais antiga de Portugal, ou seja, divulgar os assuntos relacionados com esta área, sejam as repúblicas estudantis, a realização da Queima das Fitas, a tomada da Bastilha, entre outros eventos que, direta ou indiretamente, fazem parte da comunidade estudantil de Coimbra. Na nossa opinião, julgamos que este tipo de eventos não está bem difundido pelo país, existindo, por vezes, preconceitos e mal-entendidos sobre estas práticas estudantis. Outro ponto que podemos destacar da LQMP é a alínea i) do artigo 2.º, relativo aos Princípios da Política Portuguesa, onde se afirma que “Princípio da cooperação internacional, através do reconhecimento do dever de colaboração, especialmente com museus de países de língua oficial portuguesa, e do incentivo à cooperação com organismos internacionais com intervenção na área da museologia.”<sup>64</sup>. Visto ser uma cidade que é procurada por um grande número de estudantes estrangeiros, quer provenientes de países lusófonos, quer de outros países, seria importante dar a conhecer este espaço às instituições responsáveis por estes intercâmbios. Seria uma forma de promover a GA e de interagir com os estudantes que apostam numa formação académica na Universidade de Coimbra. Por último, seria

---

<sup>63</sup> <http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Bibliografia/1912/1912.pt.pdf>, 10/03/2018, 11:49H.

<sup>64</sup> <http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Bibliografia/1912/1912.pt.pdf>, 26/05/2018, 19:11H.

conveniente, uma gestão mais ativa e interventiva bem como uma definição do seu plano anual das atividades.

Face ao exposto, a GA apresenta-se pouco dinâmica, o que, em grande parte, se deve atribuir à escassez de recursos humanos, que deveriam ser superiores para as dimensões que poderia ter noutros moldes, o que não permite que o museu acompanhe devidamente o desenvolvimento museológico ou mesmo a informatização dos inventários, absolutamente necessária. Portanto, no que diz respeito à autonomia da Galeria, volto a citar a autora, Alice Semedo, para quem um museu Universitário, “Deve obviamente estar integrado numa universidade, de preferência administrativamente independente dos restantes departamentos universitários, embora em estreita colaboração cultural (que inclui a científica e pedagógica) com aqueles que tenham alguma relação com as coleções e atividades do museu”<sup>65</sup>. A Galeria, atualmente, não é autónoma, dependendo do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

## 2.2. A atual Galeria Académica: potencialidades e problemas

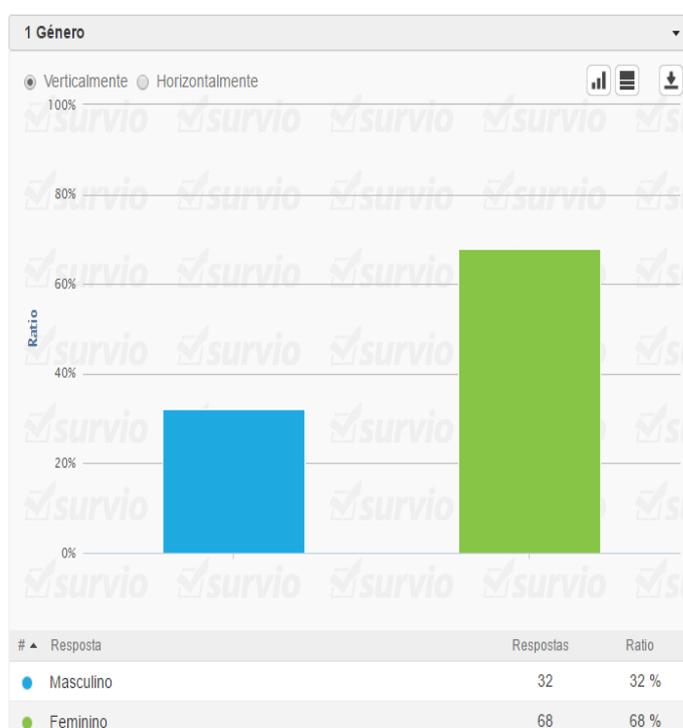
Tendo em conta apreender a divulgação e conhecimento da GA junto do público estudantil da UC, tomei a iniciativa de realizar um inquérito a alguns estudantes universitários, através de uma plataforma *on-line*, onde os convidei individualmente a responderem. Tinha, sobretudo, em vista captar, no seio da comunidade académica, o seu eventual conhecimento da Galeria e saber se alguma vez a tinham visitado. Convém esclarecer que a este inquérito apenas responderam estudantes da UC. A seleção não incluía estudantes de Institutos Politécnicos nem de Escolas Superiores.

---

<sup>65</sup> SEMEDO, Alice, *ob. cit.*, p. 49.

Este incidiu sobre um universo de 100 estudantes das várias faculdades da Universidade de Coimbra, destacando-se a Faculdade de Letras. Em termos de género, os estudantes repartiram-se por 32% de elementos do sexo masculino e 68% do sexo feminino (Gráfico nº 1)<sup>66</sup>.

Gráfico nº 1 - Repartição dos estudantes que responderam ao inquérito segundo o género



Fonte: Inquérito pessoal a estudantes da UC

<sup>66</sup> O público-alvo do inquérito recaiu nos estudantes, pelo facto de frequentarem os espaços universitários.

Ainda no âmbito da caracterização do universo respondente ao inquérito, mais de metade dos inquiridos eram alunos da Faculdade de Letras (53%), seguindo-se, em ordem decrescente, as seguintes faculdades: Direito (17%), FCTUC (11%), Psicologia (8%), Medicina (6%), Farmácia (3%) e Economia (2%). Como já se explicitou, os inquiridos foram estudantes de todas as faculdades da UC, exceto da Faculdade de Desporto, tendo incidido maioritariamente em alunos da Faculdade de Letras.

Quadro nº 1 - Repartição dos estudantes inquiridos por Faculdade (por ordem decrescente e em valores percentuais)

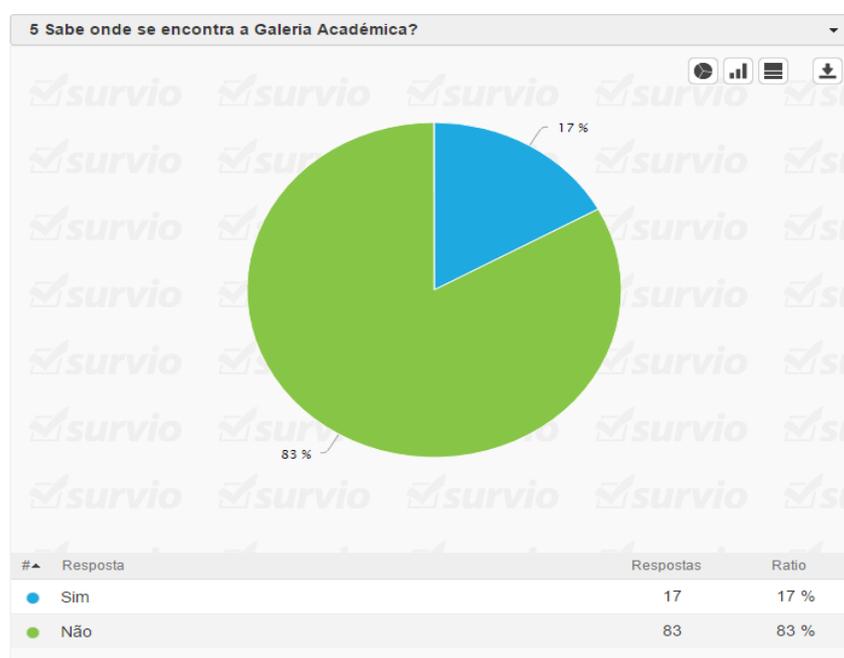
Faculdade	Valores (%)
Letras	53%
Direito	17%
FCTUC	11%
Psicologia	8%
Medicina	6%
Farmácia	3%
Economia	2%

Fonte: Inquérito a estudantes da UC

Quanto à pergunta se “conheciam a Galeria Académica”, dos cem inquiridos, apenas dezassete sabiam onde se localizava o espaço (17%) (Gráfico nº 3). Optei por recorrer à designação atual em virtude de ser a sua nomenclatura oficial. Apesar de algumas respostas explicitarem que se localizava no *Laboratorio Chimico*, considereiras afirmativas, visto que, hoje em dia, pertence à mesma entidade, ou seja, ao Museu da Ciência. Não nos podemos esquecer que ambos os edifícios se situam na mesma

rua, mas em locais distintos. De acordo com os resultados obtidos, a conclusão que, de imediato, se retira, é que a GA não está suficientemente divulgada na comunidade estudantil. Existe, aliás, um grande desconhecimento, por parte da comunidade académica quanto ao antigo Museu Académico. Caso saibam da sua existência, nunca o visitaram ou manifestaram interesse em o fazer, apesar de mais de metade dos discentes que responderam a este inquérito serem estudantes da Faculdade de Letras. Convém esclarecer que alguns cursos desta faculdade têm as suas instalações neste edifício, sendo também comum a lecionação de aulas no Colégio de S. Jerónimo<sup>67</sup>, ou seja, trata-se de um espaço diariamente frequentado por estudantes.

Gráfico nº 2 - Conhecimento sobre a localização da Galeria Académica

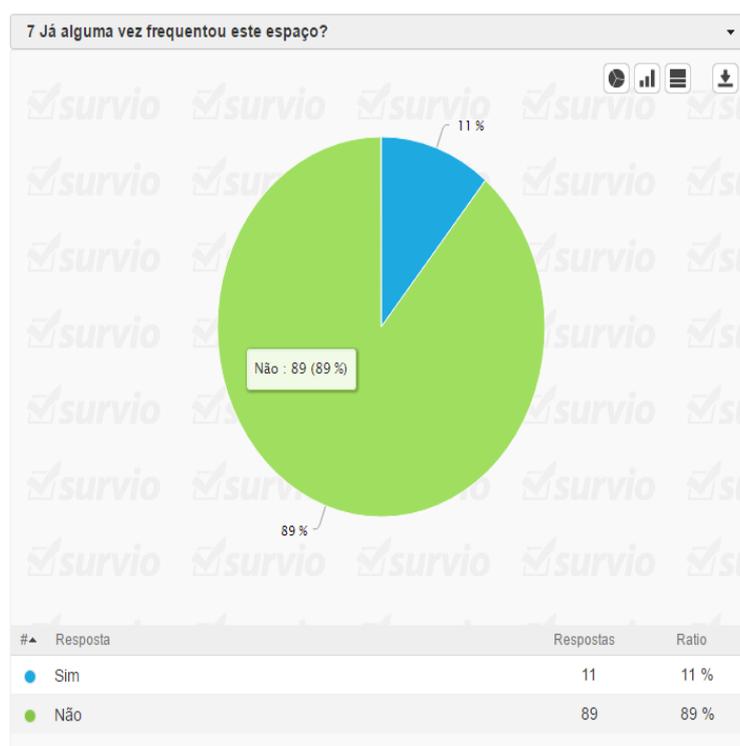


Fonte: Inquérito pessoal aos estudantes da UC

<sup>67</sup> Optei por fazer o questionário com o termo Galeria porque nos dias de hoje é a sua designação.

A ausência de conhecimento da sua localização é a característica dominante, correspondendo a 83% das respostas (Gráfico nº 2). Afigura-se que, caso no questionário se tivesse substituído a expressão Museu Académico por Galeria Académica, as respostas não teriam sido muito distintas.

Gráfico nº 3 – Nº de inquiridos que visitaram a Galeria Académica



Fonte: Inquérito a estudantes da UC

Como forma de divulgação da GA seria conveniente estabelecerem-se contatos quer com a própria AAC, em especial com os seus diversos núcleos, no sentido de a

dar a conhecer, bem como de se poderem promover visitas guiadas ao espaço ou eventuais colaborações em exposições ou demais iniciativas de carácter científico.

A GA encontra-se num sítio privilegiado, no coração da cidade e da Alta universitária, onde milhares de turistas e de estudantes circulam ao longo do ano. Uma das formas de divulgar o seu conhecimento ao público em geral seria simplesmente assinalar nos mapas da cidade, a sua localização. A visibilidade da única placa que indica a localização do “Museu Académico” (e não da Galeria Académica, como atualmente se designa) encontra-se oculta por uma árvore, algo que dificulta a informação. Este é um dos problemas que podemos detetar e que já poderia ter sido resolvido de forma simples, através de uma mudança da placa para o outro lado do passeio ou então um simples corte nos ramos da árvore, domínio da UC. Não cabe à UC a colocação de sinalética na via pública circundante, a qual é da competência da Câmara Municipal de Coimbra. Porém, creio, que se poderiam fazer diligências nesse sentido. Prejudica igualmente, em nosso entender, o conhecimento mais amplo da GA, o facto de se manterem as portas fechadas ao público. Locais com envergadura cultural, como é o caso, deveriam, pelo menos em termos teóricos, praticar uma política de portas abertas ao público, embora a possamos compreender no caso presente, dada a escassez de funcionários. Ao tempo do estágio realizado, a GA contava, diariamente, com duas pessoas especializadas na área da museologia e que tinham como funções o estudo e a elaboração do inventário de coleções disponíveis, para além de uma funcionária com estudos médios. Em termos de habilitações do seu corpo, este está próximo de outros, sendo a média nacional, segundo informações de Ana Carvalho, da ordem dos 67,4% de licenciados<sup>68</sup>. Compete, aliás, a um museu que tenha essa qualificação, manter as suas portas abertas ao público. O próprio conceito de museu, definido na Lei-quadro dos Museus Portugueses, aponta como sua

---

<sup>68</sup>CARVALHO, Ana, *Os Museus e o Património Cultural e Imaterial, Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2012, p. 113.

condição “Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e desenvolvimento da sociedade”<sup>69</sup>.



Fig. 3. Placa indicativa da atual Galeria Académica da Universidade de Coimbra, no acesso ao colégio de S. Jerónimo

Fonte: Fotografia captada pelo autor

---

<sup>69</sup><http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Bibliografia/1912/1912.pt.pdf>, 29/05/2018, 17:17H.

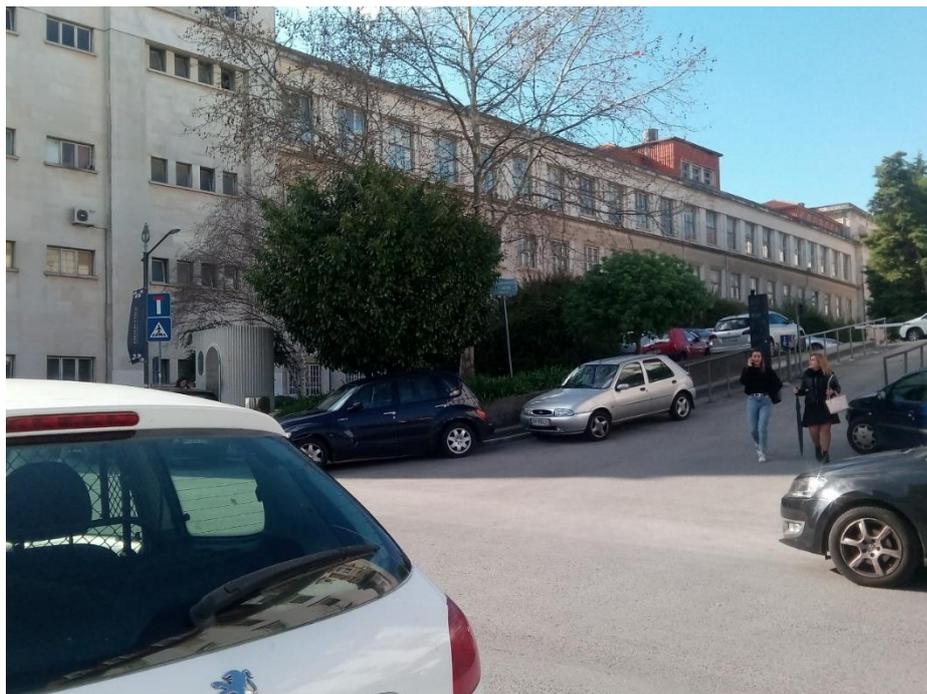


Fig. 4. A única placa que aponta para a atual Galeria Académica encontra-se obstruída por uma árvore que tapa a sua visibilidade durante todo o ano

Fonte: Fotografia do autor

Seria também conveniente que a GA tivesse o registo do número dos seus visitantes anuais, informação que permitiria ter um melhor conhecimento sobre o seu público e atratividade e, em caso de necessidade, a adoção de medidas para melhorar o *status quo*. Afigura-se, ainda, importante, a possibilidade de o público visitante poder manifestar, em livro ou caixa de sugestões/críticas disponibilizados para o efeito, a sua opinião sobre o espaço e a coleção permanente, a exemplo do praticado em numerosos museus e espaços museológicos. Naturalmente que estes apontamentos têm um carácter construtivo, no sentido de eventuais melhorias futuras.

Em relação ao tema deste trabalho, as Repúblicas Estudantis, há matérias de natureza museológica que a GA não consegue apresentar no seu espaço. Refiro-me, em concreto, a questões de política cultural imaterial, algo que transcende um museu.

Por outras palavras, no que diz respeito à abordagem museológica das repúblicas, encontram-se determinadas áreas que não é possível transferir para o espaço de um museu. Referimo-nos, em concreto, a patrimónios imateriais ou intangíveis, específicos e singulares das repúblicas, de que são exemplos significativos os rituais praticados, variáveis de república para república, como os “gritos”, os hinos, entre outros, sugerindo-se a formalização de parcerias com as repúblicas<sup>70</sup>.

Aliás, a Galeria Académica afigura-se ter inúmeras potencialidades de desenvolvimento. No que diz respeito ao seu espólio, possui boas coleções, em suportes vários. É de destacar a coleção musical, constituída por discos, cassetes e instrumentos musicais, entre outros. De igual modo, dispõe de uma biblioteca especializada em matérias relativas a tradições, repúblicas, usos e costumes estudantis, além de um núcleo significativo de obras de teor memorialista. A própria sala constitui um espaço com boas condições como sala de leitura. Poderia também ser o ponto de partida para funcionar como “escola viva”, com a possibilidade de poder vir a realizar planos/projetos para o futuro, a exemplo de outras bibliotecas disponíveis em museus ou casas-museu<sup>71</sup>. No fundo, imprimir-lhe um maior dinamismo, quer como “arquivo” quer como espaço de leitura e de estudo.

Realizar um projeto em parceria com as repúblicas é um ponto favorável para servir utilmente a comunidade, de uma forma a conseguir demonstrar os atuais problemas que este tipo de residências tem nos dias de hoje, nomeadamente, as

---

<sup>70</sup> Se uma situação desta natureza fosse proposta às repúblicas, creio que se obteriam respostas diversas. Porém, no caso de a resposta ser positiva, implicaria alguns deveres, nomeadamente, alguém ficar responsável por acolher os visitantes que quisessem frequentar a república para “viver” este tipo de tradições.

<sup>71</sup> ALMEIDA, Maria Mota, *Os Primeiros Cinquenta Anos do Museu-Biblioteca Condes de Castro de Guimarães – Cascais: Pioneirismo Mediado Pela Ação Cultural e Educativa*, Estoril, Nota de Rodapé edições, 2016, Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril, p. 314.

instalações. Algumas destas repúblicas precisam de uma renovação mesmo que implique a subida dos preços por quarto, uma matéria urgente a resolver. Por vezes, a situação agrava-se, devido à falta de estudantes para habitar este tipo de casas<sup>72</sup>. O espaço é alugado pelo valor total da casa, em vez de ser, por quartos individuais. Este é um dos dilemas que as repúblicas atravessam de ano para ano, encontrar pessoas que queiram habitar nestes espaços.

Concretizar esforços no sentido do melhor conhecimento da cultura imaterial não se encontra ao alcance de qualquer museu, sobretudo quando os museus têm dificuldades de carácter económico e de recursos humanos. Na GA, até à data, não parece ter havido interesse em dar a conhecer a cultura imaterial das repúblicas. Penso que gravações ou imagens não têm o mesmo impacto, devendo este tipo de património ser mostrado ao vivo. Como diz o museólogo italiano, Giovanni Pinna, existem três tipos de PCI. O enquadramento das repúblicas, pode ser feito num destes termos. Podemos associar estes objetos e relacioná-los com uma manifestação cultural de uma comunidade, isto é, algo que se representa por costumes, rituais, cânticos, entre outras áreas, sendo este o primeiro modelo de PCI que o Museólogo descreve. Além deste modelo, o autor descreve que a PCI não tem uma forma material, ou seja, uma linguagem específica ou uma música improvisada<sup>73</sup>. Por último, "o significado simbólico do património material, ou seja, o significado de cada objeto em função da sua história e das várias interpretações a que foi sujeito", explicado do ponto de vista deste autor<sup>74</sup>.

A GA poderia funcionar como um intermediário no relacionamento com as repúblicas, através da dinamização de atividades e projetos, no quadro de uma atuação estratégica, com o intuito de valorizar esse património estudantil e de divulgar a cultura

---

<sup>72</sup>CARVALHO, Ana, *ob. cit.*, p. 114.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 124.

imaterial desses espaços. A nosso ver, constituiria uma parceria de grande utilidade histórica, visto que ambas partes contam com patrimónios que podem “dialogar”, permitindo-se, inclusive, a preservação de espólios que, a nada fazer no futuro, desaparecerão com a extinção das repúblicas<sup>75</sup>.

Podem ser indicadas várias sugestões no sentido de dinamizar a ação da Galeria, com o intuito de aumentar o seu número de visitantes.

Podemos sugerir a criação de um espaço de *merchandising* com a intenção de promover produtos ligados a Coimbra e às tradições académicas (t-shirts, canecas, copos, porta-chaves, isqueiros, cópias de discos/cassetes mais importantes, que tem em seu poder, entre vários objetos). Será também importante a maior difusão das iniciativas da Galeria, incluindo-as no quadro de uma planificação anual (nomeadamente exposições), a divulgar na imprensa periódica, na internet e, naturalmente, nas páginas oficiais da UC. As exposições temporárias, na nossa opinião, mesmo que sejam poucas, são importantes para mostrar as valências deste espaço. Uma exposição temporária consegue ter grande impacto se for bem disseminada, pela comunicação social, conseguindo imprimir grande dinâmica a qualquer espaço museológico, devido a ser algo que não se vê todos os dias no museu e ser um evento de curta duração. Também se afigura importante que as iniciativas sejam difundidas com algum tempo de antecedência, nomeadamente no que diz respeito às exposições temporárias. Relativamente aos bilhetes de entrada e que, neste momento, são gratuitos, afigura-se, em nosso entender, constituir uma matéria a rever<sup>76</sup>, sugerindo-

---

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>76</sup> Os estudantes da UC não pagam entrada e os estudantes das restantes faculdades do país pagam apenas 0,50€. Este tipo de espaços, por norma, atrai mais atenção por parte dos turistas e uma forma de poder ajudar a resolver os problemas financeiros, seria o pagamento peça visita, onde a entrada poderia ser afixada no valor de 2€ ou de 3€.

se a realização também de protocolos com órgãos estudantis, nomeadamente núcleos de estudantes.

Por último, se a Galeria pudesse ter mais funcionários, seria importante que a biblioteca da GA funcionasse como sala de leitura, não exclusivamente para os estudiosos das matérias relacionadas com problemáticas estudantis. Por outras palavras, afigura-se possível converter a GA numa espécie de “escola viva”, com planos/projetos para o futuro<sup>77</sup>, a exemplo de outras bibliotecas de casa-museu ou de instituições museológicas, o Museu Bordalo Pinheiro é um padrão a seguir, onde conta com uma biblioteca, exposições temporárias e onde, divulga os eventos através da sua página oficial<sup>78</sup>. Outra questão, relacionada com esta biblioteca, é fortalecer a utilização dos manuais/obras, existentes. Podemos observar que é um espaço que não conta com muita utilidade. O objetivo passa por tornar a biblioteca num espaço em que funcione como “arquivo” e que passe a ser um espaço que fomente hábitos de leitura e de estudo, e que o leitor tenha a liberdade de poder ler o que realmente procura<sup>79</sup>, sempre que exista um devido acompanhamento por parte de um funcionário.

Para finalizar, conservar, manter e divulgar os testemunhos e as memórias do passado, de modo a que estas nos possam ajudar e compreender o presente. No que diz respeito a este aspeto, a Galeria tem bons vestígios sobre o passado e se não se preservar devidamente, acaba por perder o seu valor simbólico. No que respeita a este aspeto, a GA guarda um espólio representativo da vida académica da UC sob múltiplas formas de testemunhos e materiais que incluem a coleção visitável.

Este espaço, no que diz respeito à gestão e organização do espólio, é muito bom, apesar de ainda, não conseguir ter uma base de dados completa. Contudo,

---

<sup>77</sup> ALMEIDA, Maria Mota, *ob. cit.*, p. 314.

<sup>78</sup> <http://museubordalopinheiro.cm-lisboa.pt/newsletter/Newsletter.pdf>, 28/05/2018, 17:41H.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 315.

consegue ser bastante organizado pelas respetivas áreas que podemos encontrar no museu<sup>80</sup>. Enquanto à conservação deste espaço, podemos encontrar um pouco de tudo acerca das repúblicas, apesar de algumas peças não se encontrarem em bom estado, mas é algo compreensível, visto que a maioria das peças foram doadas após um tempo de utilização por parte dos repúblicos. O único património que este museu não consegue conservar é o património imaterial de cada república<sup>81</sup>.

### 3. As Repúblicas Coimbrãs e a sua importância na vida universitária

Ao longo do século XX, até aos dias de hoje, existiram, na cidade de Coimbra, muitas repúblicas, algumas desapareceram, outras mantêm-se, sendo em escasso número aquelas que foram recentemente criadas. Não se sabe ao certo qual o momento da génese das repúblicas universitárias. Porém, segundo informações disponíveis relacionadas com o tema, estas terão surgido depois da revolução liberal, no decurso do século XIX, coincidindo com a difusão do termo república, com o intuito de demonstrar que a democracia seria uma forma de governar mais justa que a monarquia<sup>82</sup>. A fim de se ter uma aproximação ao termo república de estudantes importa conhecer a etimologia, "(...) Uma dessas explicações tem por base o facto de

---

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>81</sup> Cada república possui um património singular. Este, em nossa opinião, deve ser passado dos mais velhos para os mais novos, de forma a se poder perpetuar. Relativamente às repúblicas já desaparecidas, seria importante tentar reconstruir alguns dos seus rituais, como o grito. O seu desaparecimento implica muitas vezes, a "morte" destes patrimónios ou o seu eventual esquecimento.

<sup>82</sup> ASSOCIAÇÃO REAL REPÚBLICA BOA-BAY-ELA, *Os primeiros cinco mil anos (1956-2005)*, Real República Boa-Bay-Ela, 2016, p. 28.

esta designação ser inspirada na locução latina *res publica* que se traduz por “coisa pública” e que significa “o que é de todos”. Ainda hoje estas “casas” se caracterizam pela exaltação de valores universais que unem o passado ao presente, a vida em comunidade, a soberania e a democraticidade (...)”<sup>83</sup>.

Uma república, neste caso de estudantes, tal como evoca a designação, é constituída por estudantes universitários, sendo apoiadas, em termos de afazeres diários, por uma ou duas empregadas domésticas, pelo menos, até 1990. Durante o período do Estado Novo, e de acordo com testemunhas orais, as empregadas domésticas tinham um importante papel no caso de proteção dos estudantes relativamente às forças policiais, inclusive polícia política. Estas funcionárias procedem às limpezas da moradia e preparo das refeições de todos os jovens que habitam a República. Os estudantes são provenientes de vários pontos do país e permanecem nas casas enquanto estudam na Universidade de Coimbra. Antigamente, era comum a organização das repúblicas por regiões ou distritos e não existiam repúblicas femininas ou mistas, apenas repúblicas masculinas. Por exemplo, os estudantes que vinham das Beiras ficavam juntos, tal como os estudantes da Madeira, dos Açores e até mesmo os que provinham dos PALOP<sup>84</sup>. Representativo desta situação é o caso da República dos Açorianos. Segundo Teresa Carreira, o nome de algumas repúblicas contém um significado especial. Alguns nomes estão relacionados com a vida boémia, por exemplo, a Real República Baco. Como este exemplo, podemos encontrar outros relacionados com a irreverência juvenil, outros com a localização geográfica, outros ainda com acontecimentos históricos, adotando-se também nomes másculos, já que, à época em que foram fundadas, não existiam repúblicas femininas.

---

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>84</sup> Um exemplo deste tipo de República é representado pelo Kimbo dos Sobas, onde habitou o antigo presidente de Angola, António Agostinho Neto.

Por exemplo, a Real República Farol das Ilhas foi fundada por um grupo de estudantes madeirenses, identificando uma região de Portugal. Hoje em dia as repúblicas não se limitam a aceitar estudantes portugueses ou das antigas ex-colónias mas também estudantes estrangeiros, ou seja, estudantes de mobilidade, Erasmus ou de outras formas de mobilidade<sup>85</sup>. As repúblicas ou solares constituem uma organização sem fins lucrativos que apenas servem para albergar estudantes<sup>86</sup>, o que lhes confere um profundo carácter social. Aceitar estudantes estrangeiros nas décadas de 1950 e 1960 era algo que não estava na cultura das repúblicas.

É provável que este tipo de residência tenha surgido antes do século XX mas não havia uma designação específica para identificar uma casa partilhada por vários estudantes como nos dias de hoje. Antes da difusão das repúblicas, era comum que dois ou três estudantes partilhassem uma casa e, em regra, quando o faziam, provinham da mesma localidade, trazendo consigo as respetivas empregadas. Esta situação variava consoante o poder económico de cada família para sustentar o estudante, podendo ir de uma empregada até três empregados, por vezes tinham um negro como empregado.

Neste tipo de residências procede-se a uma distribuição de cargos pelos vários membros da república, sendo cada elemento responsável por algo. Em certas repúblicas os cargos são rotativos, variando de casa para casa, não havendo funções previamente definidas, ou seja, um dos residentes fica responsável pela alimentação, outro pela contabilidade e assim sucessivamente, não sendo possível a qualquer membro recusar a realização das tarefas que lhe foram incumbidas. Antes das crises estudantis de 1962, e nomeadamente a de 1969, todas as repúblicas existentes eram praxistas mas, a partir desse momento, uma grande parte começou a questionar e a

---

<sup>85</sup> Nos dias de hoje, para os repúblicos, os estudantes estrangeiros podem habitar estes espaços porque fazem parte de um movimento intercultural.

<sup>86</sup> RIBEIRO, Artur, *As Repúblicas de Coimbra*, Coimbra, Diário de Coimbra, 2004, pp. 67-68.

não aderir mais à praxe<sup>87</sup>. Esta crise estudantil que atravessou todo o período do marcelismo teve um impacto significativo: grande parte destas repúblicas não voltaram à prática da praxe, apesar de algumas repúblicas manterem a tradição, nomeadamente as Repúblicas que se localizavam perto da Praça da República e área circundante. É importante referir que, em 1969, ocorre a expulsão da República dos Symbas do Conselho de Republicas por ter quebrado o luto académico<sup>88</sup>. Hoje em dia, é considerada uma república pela UC. Porém, para o CR, é apenas mais uma casa onde habitam estudantes, não sendo considerada como uma república, mas, tão-só, um solar.

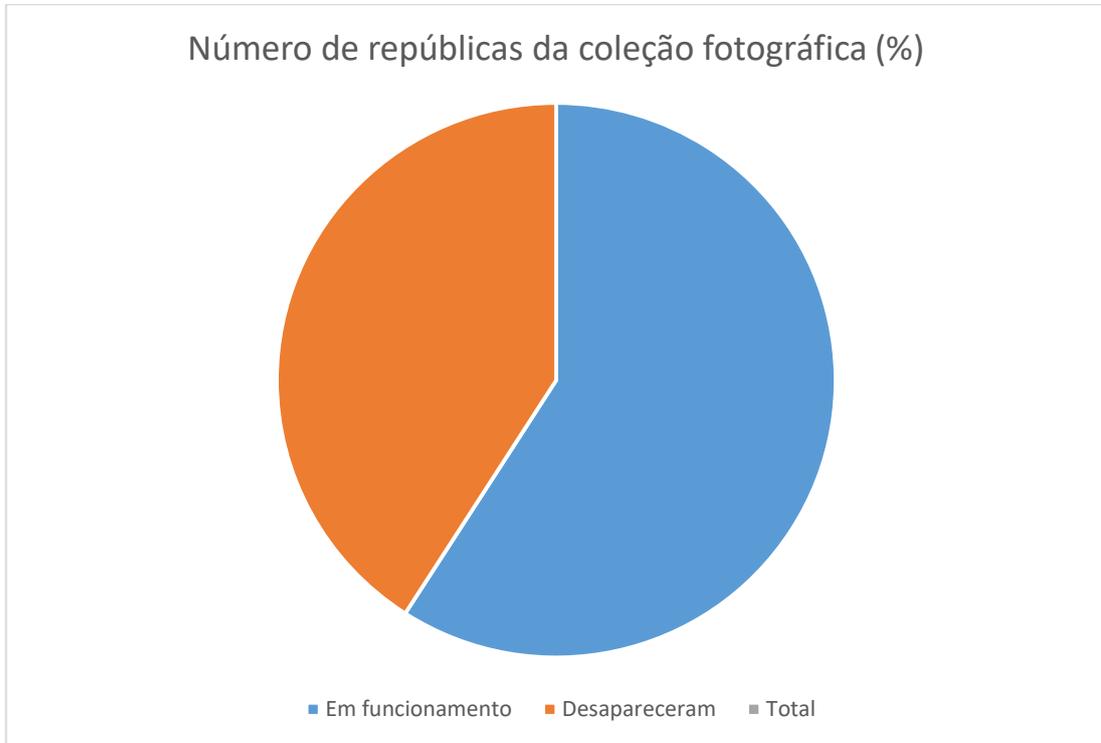
Através desta documentação, conseguimos analisar que mais de metade das repúblicas que participam nesta coleção, permanecem com as portas abertas para acolher os estudantes que entram para o ensino superior na cidade de Coimbra. Além destas repúblicas que se encontram em funcionamento, podemos encontrar mais onze. Ou seja, nos dias de hoje, podemos encontrar 24 repúblicas que acolhem estudantes. Algumas destas Repúblicas têm mais de cinquenta anos de existência. Um exemplo, a Real República dos Kágados, que atualmente é a casa mais antiga das atuais repúblicas que existem, tendo sido inaugurada a 1 de Dezembro de 1933. Através da coleção fotográfica, podemos realizar este gráfico, onde podemos observar que, várias repúblicas participantes na coleção da Galeria, já fecharam portas.

---

<sup>87</sup> Mesmo já em tempos de democracia, ou mais tarde com o retomar das tradições académicas, inúmeras repúblicas continuam/ram com o seu descontentamento ou contestação da praxe.

<sup>88</sup> As crises estudantis que atravessaram o marcelismo tiveram profundo impacto na vida e organização interna das repúblicas. Esta república foi expulsa do CR por não ter participado no protesto contra o regime político, juntamente com todas as restantes repúblicas.

Gráfico nº 4 – Nº de repúblicas relativamente à coleção fotográfica (século XX)



Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Com base na análise da secção das fotografias, podemos concluir, da totalidade (22 repúblicas) existente nesta coleção, 13 continuam em atividade. No que diz respeito às repúblicas que fecharam portas, são 9. Este desaparecimento de repúblicas é significativo, visto que em poucos anos, encerraram portas, cerca de metade das repúblicas que que é possível detetar através do espólio fotográfico.

No total de fotografias que estas duas pastas detêm, são 497. Ainda podemos afirmar que podiam ser mais fotografias, visto que em alguns envelopes damos por

falta do número que se encontra registado em cada um destes<sup>89</sup>. As repúblicas hoje em dia mantêm algumas tradições, como por exemplo, a celebração dos centenários, que se realiza anualmente. Esta festa é a mais importante para qualquer república, por celebrar os valores da vida em comum na república<sup>90</sup>. Existem algumas interpretações para o termo centenário. Uma dessas explicações aponta para o facto de um ano para o um repúblico corresponder a cem anos de vida exterior ou de aprendizagem<sup>91</sup>. Outra explicação para o termo está relacionado com o centenário da sebenta<sup>92</sup>, cerimónia que satirizava as práticas comemorativas portuguesas de finais do século XIX, em especial as celebrações centenárias dessa época (a morte de Luís de Camões, do Marquês de Pombal, nascimento de D. Afonso Henriques e de Almeida Garrett, entre outras). Nessas comemorações nacionais realizavam-se várias atividades, nomeadamente banquetes e cortejos. O centenário da sebenta teve também o seu banquete com bacalhau e batatas e um cortejo alegórico<sup>93</sup>, memória que permaneceu nestas “casas” e na própria Academia Estudantil Coimbrã.

Ao longo do tempo, a palavra “praxe” vai assumindo vários significados e conteúdos. A simbologia praxística de hoje em dia é vista de outra forma por parte dos repúblicos e da própria academia em geral. As repúblicas, antigamente, eram “sinónimo de praxe”. Hoje em dia, uma grande parte das 24 repúblicas existentes não são apologistas desta tradição<sup>94</sup>, o que já por si, significa uma enorme mudança. Ainda

---

<sup>89</sup> É importante referir que este número corresponde a última contagem que eu próprio realizei. Não sabemos, se entretanto, foi acrescentada mais alguma ou no pior dos casos, ter desaparecido uma ou várias fotografias.

<sup>90</sup> ASSOCIAÇÃO REAL REPÚBLICA BOA-BAY-ELA, Os primeiros cinco mil anos (1956-2006), *ob. cit.*, p. 108.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>92</sup> A primeira vez que se celebrou este evento foi no ano de 1899.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>94</sup> Boa-Bay-Ela, Solar dos Symbas, Fantasmas, Galifões, Ay-ó-Linda, são as únicas repúblicas que mantêm a tradição praxística. Como podemos observar, é um número reduzido em comparação às repúblicas

existem repúblicas que realizam esta prática e outras que não se opõem mas estão em minoria perante as repúblicas anti praxe. Na atualidade, a praxe ou praxes para as repúblicas representam uma memória que pertence ao passado. Neste contexto, a reconstituição deste património pode ser feito através da memória utilizando documentos/fotografias que comprovam esta mudança cultural/histórica.

No que concerne às Repúblicas, recentemente foi criado o Projeto R que tem como objetivo fazer a reserva digital de materiais de todas as repúblicas<sup>95</sup>, de modo a tornar acessível, a qualquer investigador, a consulta de fontes sobre essa importante instituição estudantil, nomeadamente “documentos” perecíveis entre os quais se enquadram as pinturas que enfeitam paredes dentro das próprias repúblicas. Contudo, para que este projeto seja viável e possa progredir, é necessário que as atuais repúblicas continuem a contribuir com materiais que tenham disponíveis. Trata-se de uma forma de precaver um desaparecimento, associando-se também, por esta via, à preservação da memória<sup>96</sup>.

---

existentes, apesar de subsistirem repúblicas que são neutrais, como por exemplo, a república da Praça e a república Palácio da Loucura.

<sup>95</sup> Este projeto tem como objetivo colocar todo o tipo de documentação (recortes de jornal, fotografias, livros, decretos, peças de loiça) relacionado com repúblicas numa plataforma digital. Tudo com o intuito de poder mostrar à comunidade estudantil o modo de viver repúblico.

<sup>96</sup> No que diz respeito a esta plataforma online, é necessário criar um sistema de segurança. Os ficheiros que são publicados nesta plataforma não podem ser alvos de um simples copiar e colar. Neste sentido, é necessário assegurar alguma segurança e no caso de algum investigador necessitar de usar alguma informação, neste caso imagens ou textos, deveria ter de entrar em contacto com os responsáveis do *site*, do museu e das repúblicas.

A Associação de Repúblicas é um outro órgão, igualmente muito recente, tendo sido criado no ano de 2015<sup>97</sup>, no qual apenas participam 7 repúblicas (29,2%) das 24 repúblicas existentes na atualidade na cidade de Coimbra. Tem como objetivo “salvaguardar o património”, sobretudo as casas das diversas repúblicas, e “ajudar as repúblicas” em risco face ao Novo Regime de Arrendamento Urbano, o qual entrou em vigor a 12 de Novembro de 2012<sup>98</sup>. Tem a preocupação de ser um órgão dinâmico e que visa ajudar o CR. Tem personalidade jurídica, algo que não sucede com o CR, e adota uma estrutura hierarquizada, distribuindo responsabilidades pelos vários elementos que o constituem. Um dos seus objetivos é assegurar proteção jurídica ao espaço residencial das repúblicas e combater as leis de arrendamento, visto estas poderem conduzir à perda deste património<sup>99</sup>. Serve como uma salvaguarda para os estudantes repúblicos, procurando assegurar um *modus vivendi* com os senhorios, de forma a evitar o fim dos contratos de arrendamento, o que por vezes tem sido difícil devido ao aumento dos montantes dos preços das rendas das casas.

Estas repúblicas também são constituídas por cultura material e cultura imaterial. A cultura material, para este caso, são os objetos que uma determinada comunidade estudantil utiliza, conferindo-lhe uma identidade cultural própria. Com o material físico que existe destas repúblicas, nomeadamente a loiça, os símbolos de cada república e impressos em cada peça que usam, as pinturas nas paredes de suas casas, transmitem-nos a forma como convivem, o que pensam e o que acreditam. Hoje em dia, não podemos afirmar se as repúblicas existentes têm um registo de todas as

---

<sup>97</sup> A Associação de Repúblicas tem como objetivo encontrar soluções, nomeadamente financeiras, para combater o despejo dos moradores por parte dos senhorios que pretendem fazer renovações na propriedade ou vender o espaço.

<sup>98</sup> Após a promulgação da lei do Novo Regime do Arrendamento Urbano, alguns repúblicos uniram-se para criar esta associação e poder trabalhar em parceria com o Conselho de Repúblicas.

<sup>99</sup> <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/16693/republicas-de-coimbra-criam-associacao-para-lutar-contra-lei-do-arrendam>, 4/10/2017, 15:43.

pinturas que já foram realizadas dentro de casa. Por norma, realizam-se pinturas umas sobre as outras ou pinta-se novamente a parede e efetua-se uma outra obra. Seria conveniente existir um registo fotográfico das paredes pintadas para saber quais eram os ideais ou ideologias que os antigos e atuais repúblicos defendiam e defendem, para se poder avaliar essa evolução de século para século, ou mesmo nos dias de hoje.



Fig. 5. Pintura disponível numa das paredes da Real República Rás-Te-Parta, impossível de ser transportada para outro local

Fonte: Fotografia do autor

Este tipo de tradição é passado de geração em geração através de práticas. Podemos igualmente evocar outro tipo de práticas das repúblicas. É o caso dos usos e costumes nas refeições: todos os residentes comiam à mesma hora, sendo chamados para a mesa por meio de um grito específico ou através do toque de uma sineta. Para além destas práticas cada república tem o seu próprio hino e grito, bem como as festas dos centenários<sup>100</sup>. Trata-se de um património singular.

A existência das repúblicas estudantis não se limita apenas a Portugal. Existe um grande número de repúblicas de estudantes no Brasil, as quais estão repartidas em federais e particulares. As primeiras estão sob direção das universidades pagando-se uma pequena quantia para se poder residir nestas habitações e cada um faz a sua própria autogestão. Quanto às repúblicas particulares, estas são criadas quando um grupo de estudantes se junta para arrendar uma casa e dividir os seus gastos, variando consoante o número de moradores<sup>101</sup>. É sobre estas repúblicas que se tem um melhor conhecimento. Algumas são fundadas por antigos estudantes da Universidade de Coimbra que, ao regressarem ao seu país de origem, as fundam. Também há repúblicas noutros países de Europa, nomeadamente em Inglaterra, na Alemanha e na Holanda. Não ficando apenas pela Europa, ainda hoje podemos observar que existem casas de estudantes na Argentina, tal como na Ásia mas não se podem comparar com a afluência que têm as repúblicas portuguesas e brasileiras, sendo as segundas já uma "cópia" das repúblicas portuguesas<sup>102</sup>.

As Repúblicas coimbrãs funcionam através de um Conselho de Repúblicas<sup>103</sup>, o qual é organizado pelas próprias repúblicas, realizando-se várias reuniões anuais para

---

<sup>100</sup> CARREIRO, Teresa, *ob. cit.*, p. 115.

<sup>101</sup> Atualmente, existe uma réplica da República dos Inkas no Brasil. Esta república foi inaugurada por antigos estudantes que estiveram em Coimbra no âmbito de programas de mobilidades.

<sup>102</sup> <http://www.jovembrasil.com.br/como-funciona-uma-republica-de-estudantes/>, 26/01/2016, 14:42.

<sup>103</sup> CR é o termo usado para Conselho de Repúblicas.

se debaterem ideias e discutir assuntos comuns. A avaliar pelos documentos consultados, no passado, o CR era mais organizado, prova disso são os livros das atas que tive oportunidade de consultar. A sua leitura permitiu retirar algumas conclusões quanto à sua organização administrativa e o modo de eleição: os antigos repúblicos eram destacados para os cargos, através de uma votação por maioria absoluta. O que obtivesse mais votos, ganhava. Também acontecia com os seus projetos. Hoje em dia exige-se a unanimidade, ou seja, basta que uma república vote contra para que a proposta seja rejeitada. Não é exigida a presença de todos os representantes das repúblicas nestas reuniões, portanto, os membros que marcam presença são responsáveis por debaterem os assuntos escolhidos sobre as 24 Repúblicas existentes.

Além destas características, ainda se verifica que as repúblicas tentam ser autónomas e assegurarem a sua própria gestão, o que exige uma enorme organização interna, razão pela qual existe uma espécie de “Ministérios” que varia de casa para casa<sup>104</sup>. O seu financiamento era feito através de uma quotização mensal, trimestral ou anual<sup>105</sup>, variável de acordo com a capacidade económica de cada “casa” e dos seus membros.

### 3.1. Conselho de Repúblicas

O Conselho de Repúblicas (CR) é um órgão autónomo reconhecido pela Universidade de Coimbra, sendo constituído por estudantes das várias repúblicas

---

<sup>104</sup> CARREIRO, Teresa, *ob. cit.*, p. 79.

<sup>105</sup> Não existe hoje em dia uma prestação por cada casa, como existia antigamente. Hoje em dia, existe um banco do Conselho de Repúblicas que é financiado por todas as casas que integram o CR.

existentes na cidade. Durante o período de 1964-1966<sup>106</sup>, de acordo com o livro de atas deste órgão estudantil, disponível na GA, o CR realizou várias reuniões, por vezes, mais do que uma reunião por mês. Trata-se de um período politicamente conturbado, caracterizado por um certo descontentamento por parte de alguns setores da população portuguesa, devido à situação política que o país atravessava na época e à Guerra Colonial, iniciada em 1961. Muitos “militares” eram estudantes, mobilizados para as colónias.

Nas décadas de 1950 e 1960, este concelho teve como uma das suas prioridades propor listas de candidatura à Direção Geral da Associação Académica de Coimbra, assim como debater a criação de novas repúblicas, algumas das quais, possivelmente, teriam ligações ao Partido Comunista Português (PCP)<sup>107</sup>. O CR foi fundado a 11 de Dezembro de 1948, após a assinatura do “Pacto de Amizade e Aliança” na Real República dos Kágados. Os seus estatutos seriam aprovados mais tarde, no ano de 1986<sup>108</sup>, no mesmo local, por seis repúblicas<sup>109</sup>.

A avaliar por uma leitura em diagonal da informação disponível no livro de atas, as ordens do dia das reuniões eram diversificadas, debatendo-se, entre outros assuntos, o tipo de projetos a desenvolver ao longo do ano, os montantes das quotas, os torneios (essencialmente de futebol) realizados ou a realizar, os cargos e as funções

---

<sup>106</sup> O único livro de atas do Conselho de Repúblicas que a Galeria Académica dispõe nas suas instalações é deste período. Que saibamos, não possui qualquer outro na coleção.

<sup>107</sup> ASSOCIAÇÃO REAL REPÚBLICA BOA-BAY-ELA, *Os primeiros cinco mil anos (1956-2005)*, Real República Boa-Bay-Ela, 2016, p. 47.

<sup>108</sup> Os fundadores deste órgão pertenciam às seguintes repúblicas: Real República dos Kágados, Baco, Rás-Te-Parta, Pagode Chinês, Palácio da Loucura e Jastá. Algumas destas repúblicas extinguíram-se, como foi o caso da Pagode Chinês e da Jastá.

<sup>109</sup> ANDRADE, Inês Bernardo Lopes de, *Repúblicas Universitárias – Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra - Arquitetura, 2014, p. 51.

internas a desempenhar. Todas as decisões eram objeto de votação, admitindo-se votos favoráveis, contra ou abstenção, tendo cada república direito a um voto. A leitura mesmo superficial deste tipo de documentação também permite depreender a existência de estratégias conjuntas, gizadas por mais de uma república, com o objetivo de orientar a votação num determinado sentido, e as suas devidas retribuições<sup>110</sup>. Uma decisão nova, uma nova proposta, era sempre votada em conselho, votando cada república a favor, contra ou se abstinha. Também se pode concluir da leitura que algumas repúblicas se “uniam” a favor de uma proposta e quando era ao contrário retribuía o favor de forma a conseguirem ter mais votos.

### 3.2. Desenvolvimento do Conselho de Repúblicas

O Conselho das Repúblicas surge em pleno século XX. Não sabemos quando é que começou a ser equacionada a criação deste órgão. Apenas temos conhecimento do dia da sua fundação, 11 de Dezembro de 1948, tendo algumas das repúblicas assinado o “Pacto de Amizade e Aliança”<sup>111</sup>. Assim, através deste pacto ficou formalizada<sup>112</sup> a constituição do CR<sup>113</sup>.

Ao tempo da sua fundação, este órgão tinha internamente vários “pelouros”, por exemplo, tinha secretários bem como um tesoureiro, sendo este último encarregue de proceder à coleta das quotas pelas repúblicas. Também se escolhiam membros para

---

<sup>110</sup> Livro de Atas do Conselho de Repúblicas de Coimbra, 1964-1967, Pasta de Repúblicas da Galeria do Museu Académico de Coimbra.

<sup>111</sup> <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/1999-2000/baco/republica.html>, 16:00H, 28/04/2018.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>113</sup> Oficialmente, o primeiro CR é realizado no ano de 1987. Portanto, por uma questão de lógica, só a partir deste ano é que são apresentados os estatutos deste órgão.

comissões responsáveis pela recepção aos calouros e organização dos respectivos convívios. De igual modo, também havia um presidente de mesa, assim como outras funções.

Na sequência de uma conversa informal com atuais repúblicas<sup>114</sup>, tomei conhecimento de que, na atualidade, o CR acusa grandes alterações relativamente ao passado, sobretudo no que respeita a questões administrativas e sociais, entre as quais, a forma de votação em assembleia. Ainda, na atualidade, a realização do CR exige a presença de 2/3 das repúblicas. Os representantes de cada república têm a possibilidade de saírem antes do termo das reuniões, o que impossibilita o voto, visto não contar com a presença do membro ou dos membros. Quer no passado, quer nos dias de hoje, as reuniões do CR não exigem a presença de todos os membros que habitam nas repúblicas. Porém, a partir do momento em que se ingressa numa República há um compromisso tácito com a instituição. Em princípio, nas reuniões do CR, deveria estar, pelo menos, um representante de cada república, de forma a se poderem debater assuntos que a todos respeita<sup>115</sup>.

Hoje em dia, os dirigentes repúblicas têm consciência do número de elementos necessários para conseguirem manter em funcionamento uma república. Se não houver um número considerável de estudantes que possa pagar as despesas da casa, corre-se o grave risco de fechar as suas portas. Por isso, nos últimos anos, tem-se assistido a uma adaptação das repúblicas, acolhendo estudantes de intercâmbio internacional. Consideram um movimento intercultural para o estudante estrangeiro e,

---

<sup>114</sup> Agradeço a residentes, antigos ou atuais, de repúblicas todas as informações prestadas, em particular, ao meu colega de curso, Diogo Barbosa, residente na Real República dos Inkas, a Rafael Marques, residente da Real República do Rás-Teparta, e a Nuno Neves, mais conhecido por "Carapau", antigo residente desta República e da Real República Baco.

<sup>115</sup> No passado, independentemente da direção de voto, qualquer membro podia comparecer nas reuniões.

ao mesmo tempo, constituem uma ajuda bem-vinda nas despesas da casa. Por outras palavras, as repúblicas de hoje em dia adaptam-se às necessidades e aos problemas que vão surgindo no dia-a-dia. Trata-se de uma resolução positiva, principalmente se conseguirem transmitir, aos estudantes internacionais, a noção do que é ser-se “repúblico”, bem como a importância das tradições coimbrãs.

O montante das quotas e a forma de quotização também se alterou significativamente em relação ao passado. No caso de surgir algum problema financeiro, de imediato se procede a um rateio por todas as casas pertencentes ao conselho e cada qual paga a parte respetiva. Na década de 1960 existia um tesoureiro que tinha a responsabilidade de alertar e de resolver eventuais problemas desta natureza. Nos dias de hoje, as repúblicas funcionam de outro modo, adotando, como estratégia, o rateio, em partes iguais por todas repúblicas, aliviando financeiramente a república ou repúblicas em dificuldades.

Muito recentemente, a 17 de Abril de 2015, criou-se um novo órgão, a Associação de Repúblicas<sup>116</sup>, por iniciativa da Real República da Praça, dos Fantomas, da Boa-Bay-Ela e da Ay-Ó-Linda. O AR tem como objetivo imprimir maior dinamismo às repúblicas e trabalhar em paralelo com o CR, ou seja, é um órgão que apoia o CR e não é seu concorrente, agendando reuniões, por exemplo, para datas não coincidentes com as do CR. Este órgão é dotado de personalidade jurídica, tendo os seus membros vários tipos de cargos, presidente, vice-presidente, tesoureiro, entre outros, exigindo-se que facultem os respetivos números de contribuinte. Qualquer república pode participar na realização de atividades, sendo ou não membro deste órgão: a única coisa que se pede, é que cada participante contribua para as despesas, se as houver, sendo estas divididas equitativamente pelo número de repúblicas participantes no evento. O

---

<sup>116</sup> Este projeto já existia em embrião, há cerca de três ou quatro anos, mas só no ano de 2015 foi constituído. Posteriormente, outras repúblicas se associaram, nomeadamente a Real República Palácio da Loucura, a Rás-te-Parta, a Rapó-Taxo e o Solar dos Açorianos.

mesmo critério se aplica a eventuais lucros, sendo a sua distribuição feita de modo igualitário.

### 3.3. Projeto R

O Projeto R consiste num *site* que tem como objetivo principal disponibilizar<sup>117</sup>, numa plataforma on-line, à comunidade académica e civil, imagens, textos, decretos, entre outros materiais que estejam relacionados com o trabalho desenvolvido pelas repúblicas, desde tempos mais antigos até aos dias de hoje. Procura demonstrar à comunidade interessada, aspetos vários da vivência em república, bem como fontes sobre a matéria. É um projeto recente que ainda não conta com muita documentação, mas pode converter-se num espaço historicamente relevante, no caso de conseguir reunir informações precisas e fidedignas. Afigura-se constituir uma forma de preservação do património repúblico, visto que existem obras ou peças que não podem sair das respetivas repúblicas, como sejam, entre outras, as pinturas murais. Constitui, na nossa opinião, um projeto muito válido, além de que me apercebi, depois de ter falado com os dois fundadores, não haver qualquer tipo de gastos, visto que o serviço foi pago no lançamento do projeto durante 5 anos. Referimo-nos, em concreto, às pinturas que cada República tem nas paredes da própria casa. Algumas delas já desapareceram, tendo sido substituídas por novas. Em certas casas esta situação é comum. Porém, a plataforma pode incorporar as alterações que vão sendo feitas, preservando-se a memória do espaço e das pinturas. É uma forma indireta de observar o interior das repúblicas e saber pelo que se interessam. Os desenhos feitos nas

---

<sup>117</sup> Este site foi fundado por Mário Carvalhal e Nuno Neves em 27/28 de Abril 2015, com o objetivo de criar uma base de dados on-line onde possam ser guardadas as memórias coletivas de cada república.

paredes refletem pensamentos e ideologias e, por norma, têm algum significado para os estudantes residentes.

Seria interessante desenvolver uma colaboração entre a GA e o PR, de forma a enriquecer o seu espólio e dá-lo a conhecer ao público. Seria conveniente que o site não se limitasse a exibir as pinturas que estão no interior destas casas, mas que também pudesse mostrar outro tipo de peças, nomeadamente, loiças, cartazes, entre outros<sup>118</sup>. Julgo que seria uma forma de fazer aumentar as coleções através da colaboração das duas partes. Seria interessante que as repúblicas pudessem disponibilizar, no site, elementos de que possuem, inclusive documentação e peças. Afigura-se importante criar sinergias entre estes três espaços, de forma a se poder preservar este património material e imaterial.

Este projeto tem tido um desenvolvimento lento e não está a corresponder às expectativas dos fundadores<sup>119</sup>. Caso venha a formalizar-se uma parceria entre a GA e as repúblicas, seria conveniente um maior empenhamento no desenvolvimento deste projeto por parte dos envolvidos: a própria GA poderia, por via do registo fotográfico de peças, ter um espaço de divulgação das suas coleções, com a particularidade de os custos serem escassos. Naturalmente que as peças divulgadas exigiriam a identificação da sua proveniência e da tutela. Seria assim uma forma de promover a GA e a sua coleção, bem como dar a conhecer ao público memórias antigas e recentes das repúblicas e a sua forma de vivência. Esta partilha de informação tornaria o tema

---

<sup>118</sup> Hoje em dia cada República tem o seu próprio livro de atas, isto é, apenas escrevem uma ata quando a reunião é na sua própria república.

<sup>119</sup> A razão invocada para o desenvolvimento do site por parte dos fundadores prende-se com a falta de tempo, devido às suas vidas profissionais e a alguns gastos de manutenção anuais. Contudo, afigura-se constituir uma página que pode ser explorada e desenvolvida num futuro próximo.

Repúblicas muito mais interessante e envolveria um leque maior do público, já que se afigura existir um grande desconhecimento sobre este assunto<sup>120</sup>.

#### 4. Estágio na Galeria Académica

Durante a realização do estágio na Galeria Académica do Museu da Ciência<sup>121</sup>, tive oportunidade de trabalhar com alguma documentação das repúblicas que se encontrava nas reservas deste espaço, nomeadamente, peças de cerâmica, cartazes, convocatórias, decretos, entre outros tipos de documentos. Apesar de existir alguma organização prévia, a documentação de uma mesma república encontrava-se desarrumada, estando espalhada por diferentes pastas<sup>122</sup>. Competiu-me, de imediato, dispô-la por pastas, mais precisamente por seis pastas. A organização teve por base um critério alfabético, tendo a documentação das repúblicas sido organizadas por proximidade da sua designação: a primeira pasta associava documentos de Repúblicas cuja designação se iniciava por letras entre o A e o F. Ainda nesta pasta, visto existir poucas repúblicas, optou-se por incorporar as repúblicas que iniciam os seus nomes por números. A segunda estende-se de G a P e uma terceira de Q a Z, incluindo esta última pasta também repúblicas de Lisboa<sup>123</sup>. As outras três pastas foram reservadas para a documentação da Real República dos Kágados, a mais antiga república de Coimbra, dispondo de um livros de contas, de um livro de números de telefone dos

---

<sup>120</sup> Por uma questão de segurança e proteção das próprias peças, o site não deveria permitir o descarregamento das fotografias, ou, pelo menos, das fotografias da Galeria Académica.

<sup>121</sup> Antigo Museu Académico de Coimbra.

<sup>122</sup> Esta documentação não se encontrava totalmente desorganizada. Existiam fotografias e documentação com alguma preparação para poder investigar.

<sup>123</sup> Na pasta de A a F foi incorporada documentação das repúblicas que iniciam a sua designação por números, para efeitos de preenchimento da pasta, tal como aconteceu com a pasta de Q a Z.

membros da república e um livro de despesas da “casa”, cartazes, convocatórias entre outros documentos. As duas últimas pastas remetem para as fotografias. Podemos verificar que esta coleção fotográfica, a nível de quantidade, é sem dúvida, o maior conjunto que encontramos na GA, sendo necessário duas pastas para armazenar as fotografias. Um núcleo é constituído por fotografias diversas, não existindo mais do que um conjunto fotográfico por república. Na segunda pasta, encontramos três grandes grupos fotográficos, composto por fotografias alusivas ao Desfile dos Archotes, da República Rás-Te-Parta e da República Pagode-Chinês. Em menor quantidade<sup>124</sup>.

No que diz respeito ao CR, o principal documento reporta-se a um livro de atas datado de 1964 a 1966. A realização deste trabalho permitiu detetar um número significativo de repúblicas existentes na cidade de Coimbra, no século XX, bastante superior às que subsistem na atualidade. Aliás, um dos elementos que, pessoalmente, me causou maior perplexidade foi o desaparecimento de numerosas repúblicas. Na atualidade, no corrente ano de 2018, estão referenciadas 24 repúblicas, adiante identificadas: Real República Baco, Bota-Abaixo, Palácio da Loucura, Rás-Teparta, Boa-Bay-Ela, Galifões, Ninho dos Matulões, Corsário das Ilhas, Fantasmas, Inkas, Prá-Kys-Tão, Kágados, Ay-Ó-Linda, Pyn-Guyns, Rapo-Taxo, Rosa-Luxemburgo, Marias do Loureiro, 40, 44, Farol das Ilhas, Kapangas, Açoreanos, Praça e Trunfé-Kops<sup>125</sup>.

---

<sup>124</sup> Não sabemos qual o critério utilizado para elaborar estes pequenos conjuntos fotográficos. Podemos afirmar que estes grupos fotográficos não pertencem apenas a uma república e também, pode haver a possibilidade destas fotografias serem de épocas diferentes. Não existindo uma identificação precisa, os responsáveis, optaram por criar estes grupos. Através de algumas fotografias, podemos ter alguma perceção a qual pertence, devido ao surgimento do símbolo da república mas, na grande maioria, é impossível realizar esta ligação, porque a informação é nula.

<sup>125</sup> Documentação existente na Galeria Académica da Universidade de Coimbra.

No século XX algumas repúblicas estavam politicamente conotadas<sup>126</sup>, tendo expressa na sua designação o peso de ideologias políticas, como são exemplo a Real República Soviet das Matemáticas<sup>127</sup> ou a Real República Pagode-Xinês. A primeira república remetia, de imediato, para a ideologia marxista-leninista<sup>128</sup>, e acabou por ser extinta, ainda durante o Estado Novo, pouco tempo depois de ser inaugurada. A sua designação apelava a um quadro político adverso e perseguido pela ideologia política vigente do regime oficial português. Quanto ao segundo caso, a república foi criada durante o Estado Novo e estava mais conectada com a ideologia estadonovista e, obedecia ao inconfessado propósito de poder controlar as outras repúblicas, através de cedência de informação tratada nas reuniões de CR. Seria expectável que, mais cedo ou mais tarde, estas duas repúblicas desaparecessem, como efetivamente aconteceu: a primeira terminou no ano letivo de 1925/26<sup>129</sup> e, a segunda, através da documentação existente na galeria, terminou em 1967, mas é muito provável que tenha durado mais alguns de anos<sup>130</sup>, até à queda do Estado Novo.

A avaliar pelo material analisado<sup>131</sup>, pode-se concluir que existiram 51 repúblicas, um número muito superior às atualmente existentes, tendo, por

---

<sup>126</sup> Podemos fazer referências a muitas repúblicas mas optamos apenas por duas, visto aparecer inúmeras vezes na documentação disponível do museu, Real República dos 1000-Y-Onários e a Real República Pagode Chinês.

<sup>127</sup> Não existe um documento que comprove esta afirmação no que diz respeito à República Soviet das Matemáticas.

<sup>128</sup> Apesar de não ter encontrado documentação que prove esta afirmação, esta república era, pelo menos ao nível da tradição oral, conotada com a ideologia política referenciada.

<sup>129</sup> Parece comprovar esse facto, fotografias de grupo datadas, com todos os membros da casa uniformizados com capa e batina.

<sup>130</sup> Livro de Atas do Conselho de Repúblicas de Coimbra, 1964-1967, Pasta de Repúblicas da Galeria do Museu Académico de Coimbra.

<sup>131</sup> Apenas faço referência às repúblicas que surgem na documentação do museu. Existiram mais repúblicas do que o número referenciado. Não existiram apenas estas repúblicas. Estou a referir-me às

consequente, muitas sido extintas. A grande maioria acabou, provavelmente, devido à falta de estudantes para garantir a continuidade da república, às dificuldades económicas ou aos conflitos com senhorios. Hoje em dia existem 24 repúblicas, que poderão acabar por motivos semelhantes. Sobre este tipo de situação, poder-se-á mencionar o exemplo da República da Praça que passou por um processo de mudança de residência devido a um conflito litigioso com o anterior senhorio. Outra das razões, é a falta de pessoas para habitar este tipo de espaços, visto ser uma organização sem fins lucrativos. Quando não há o número suficiente de estudantes para pagarem o espaço, a própria casa é obrigada a fechar portas e, com isto, termina uma república, um ciclo que tem sempre muito para contar no que diz respeito a esta área.

Por norma, os nomes de repúblicas remetem para um tema relacionado com a própria história ou a de quem as fundou<sup>132</sup>, tendo, quase sempre, algum significado ou mensagem a transmitir. Principalmente nas décadas de 50/60 estes nomes estavam relacionados com bebidas e localizações geográficas, entre outras.

Procurei, dentro do possível, organizar este tipo de material de uma forma simples, para tornar as futuras consultas mais rápidas e intuitivas, bastando saber a letra inicial da república e procurar na respetiva pasta; aí, poder-se-á encontrar os vários envelopes com nome de cada uma das repúblicas sobre as quais existe documentação no museu.

---

repúblicas que surgem na GA. Podemos referir outras repúblicas que o cujo nome não aparece identificado nas peças deste museu, por exemplo, a Minhota ou Pífaros do Algarve.

<sup>132</sup> CARREIRO, Teresa, *ob. cit.*, p. 80.

## 4.1. Peças da Galeria

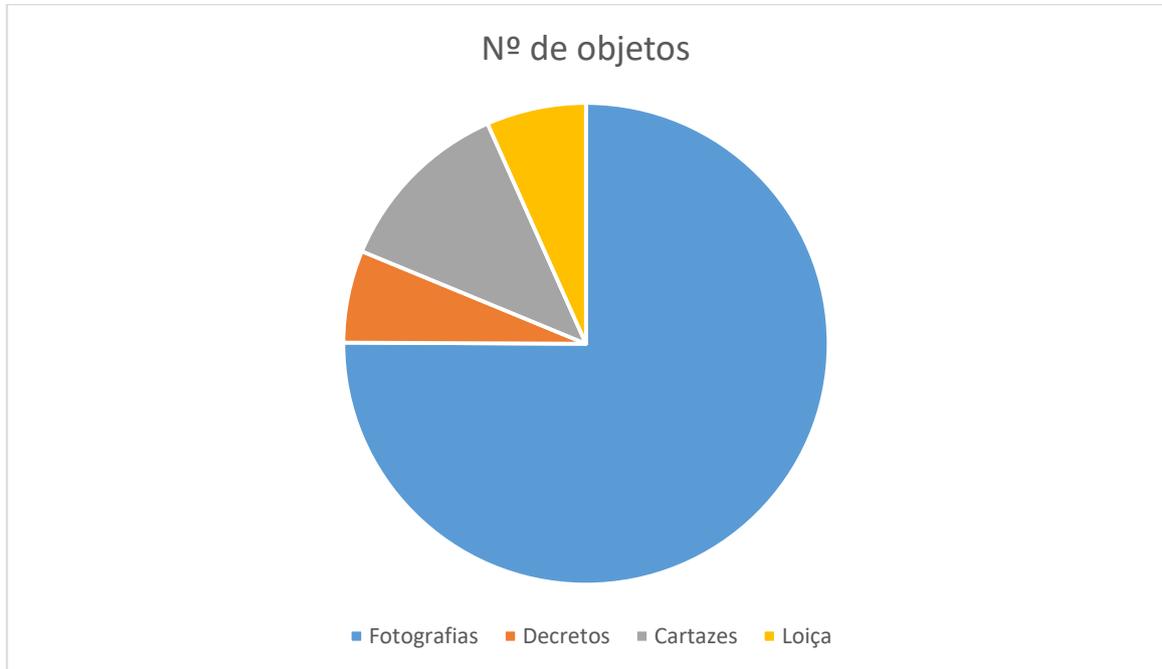
Durante a realização do estágio na GA, tive oportunidade de trabalhar com peças do espólio das repúblicas ainda não inventariadas e que, por esse motivo, não estão contabilizadas na coleção da GA, perfazendo, ao todo, uma quantidade razoável, mais precisamente, 42 decretos, pertencentes a 15 repúblicas. Também foi analisada uma quantidade avultada de fotografias, relacionadas com as comemorações académicas<sup>133</sup>, assunto a abordar no capítulo próximo, quanto ao seu estado, número de fotografias por república, entre outros aspetos. Quanto aos objetos expostos no museu (Gráfico nº4), podemos contar com 19 peças, das quais 17 de loiça, um pano e um decreto. Já na reserva encontram-se 24 objetos de faiança. Algumas peças que se encontram em reserva estão em muito mau estado, nomeadamente, um prato da Real República 1000-Y-Onários, que apresenta várias fissuras. Num estado idêntico estão também os pratos das repúblicas dos Inkas e do Rás-Teparta. O prato da república Pra-Kys-Tão também não se encontra nas melhores condições, apresentando uma fissura que vai de uma ponta a outra, para além de que o símbolo da academia, que se encontra na parte central, desapareceu parcialmente.

Quanto às canecas que podemos encontrar neste espaço, todas elas apresentam um grande desgaste, talvez pela utilização que tiveram no passado. A caneca que se apresenta em melhor estado pertence à república dos Galifões, todas as outras encontram pequenas fissuras. Quer isto dizer que as peças guardadas na reserva se encontram em vários níveis de desgaste, sendo escassas aquelas que se podem qualificar como estando em boas condições, sem esfacelamentos.

---

<sup>133</sup> A maioria das fotografias desta coleção são a preto e branco, encontrando-se bem nítidas.

Gráfico nº 5 – Composição do espólio por tipologia e nº de peças



Fonte: Galeria Académica da Universidade de Coimbra.

O prato da Real República dos Inkas encontra-se em bom estado, apresentado apenas uma pequena lasca na sua parte superior. Já um prato da Real República Baco não apresenta qualquer tipo de dano, situação idêntica a um prato da república Bota-Abaixo. O prato da república Poyñ-Ta-Pau apresenta apenas umas pequenas lascas no meio da peça. O prato e a terrina da república Rás-Teparta não apresentam qualquer tipo de dano, encontrando-se em ótimas condições, aparentando serem peças recentes.

O maior prato que se encontra na sala de reserva pertence à república dos Galifões, apresenta algumas manchas em toda a peça. A meu ver, não é algo que prejudique a peça, no caso de um dia vir a ser exposta ao público. Ainda desta república, encontra-se um copo de vidro, o qual não apresenta qualquer dano.

Contabilizando: a sala de reserva conta com cinco canecas de cerâmica, um copo de vidro, 15 pratos de cerâmica, duas jarras e uma terrina. Ou seja, no total, existem 24 peças relacionadas com as repúblicas.

Para finalizar a contagem do material deixei para o fim as peças que existem em maior quantidade, ou seja, convites das repúblicas para centenários ou milenários, envelopes, cartazes, livros de fotografias, um livro de números de telefone, um livro de contas e despesas, recortes de jornais, decretos, panfletos, entre outros. Podemos contar com mais de 500 peças relacionadas com várias repúblicas.

## 4.2. Estado atual das peças

Durante a realização do estágio, fui tendo um contacto direto com as peças das repúblicas que se encontram neste museu. Remetendo para o estado de conservação de cada peça, julgo que podemos encontrar três grandes grupos para as descrever, seguindo-se, nesta matéria, a proposta de classificação de Elsa Garret e de Inês Freitas: bom estado, regular e por último, deficiente, isto é, apresenta alguns danos, impondo-se, se possível, a realização de intervenções na peça<sup>134</sup>. A maioria da coleção de loiça é de faiança, sendo constituída, sobretudo, por canecas, pratos, terrinas e travessas, existindo, ainda, leiteiras, entre outros tipos de objetos de uso quotidiano.

Ao nível da loiça desta coleção, esta encontra-se, de um modo geral, muito deteriorada. Existe um número variado de peças que se apresentam num mau estado, principalmente as que se estão armazenadas na sala da reserva, em particular, alguns pratos, um copo, canecas, dois jarros e uma terrina. Em concreto, duas das três canecas

---

<sup>134</sup> GARRET, Elsa, FREITAS, Inês, *Normas Gerais: Artes Plásticas e Artes Decorativas*, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000, pp. 54-55.

apresentam algumas fissuras, mas nada que as impossibilite de estarem expostas, afigurando-se que um eventual restauro poderia ser benéfico. A outra caneca encontra-se em bom estado, não apresentando qualquer tipo de fenda ou fissura. Todas as canecas disponíveis no espólio são de loiça e de pequena dimensão, características que são comuns a todas as repúblicas, bem como o único copo de vidro e que se encontra num bom estado.

### 4.3. Pratos

A coleção de pratos das repúblicas é, talvez, a mais completa e a que se encontra em melhores condições. É constituída por 18 pratos, estando 9 em exposição e o mesmo número na reserva. Os primeiros pertenceram a várias repúblicas, em concreto, à Real República do Palácio da Loucura, à Real República dos Fantasmas, à República Poyñ-Ta-Pau, à Real República dos Galifões, à Real República do Sete Estrêlo, à Real República dos Kágados, à Real República Baco. Por último, encontram-se ainda dois pratos da Real República Ay-Ó-Linda, um referente ao centenário da república e o outro ao quarto milenário. Quanto à sua dimensão, predominam os pratos de média dimensão, os quais podem variar entre 20cm a 25cm de comprimento. Correspondem a este padrão, os pratos do Palácio da Loucura, um prato da Ay-Ó-Linda e outros tantos da Baco, Sete Estrêlo, Poyñ-Ta-Pau e dos Fantasmas, variando entre os 21cm e os 25cm de comprimento. O estado de conservação destas peças, à exceção do prato da República Baco que apresenta uma rachadura a todo o comprimento, encontra-se, na maior parte dos casos, em bom estado, não ostentado qualquer tipo de dano.

O prato de pequena dimensão pertence à Real República Ay-Ó-Linda e simboliza a comemoração do 4º milenário, a 8 de Abril de 1989. Tem, em comprimento, 13,7cm e, em altura, 1,6cm, ou seja, quase 10cm de diferença relativamente aos pratos

de média dimensão. Todavia, acerca deste prato, podemos observar que existem dois iguais, um em exposição, outro em reserva e o estado de cada um é satisfatório, não acusando qualquer tipo de dano ou de fissura.

Os pratos de maior dimensão pertenceram à Real República dos Kágados e da Real República dos Galifões, tendo, o primeiro, 35cm de comprimento e 3,5cm de altura, enquanto o segundo tem 35,4cm de comprimento e 4,5cm de altura. O estado de conservação destes dois objetos é muito bom, ainda que o prato da Real República dos Kágados se afigure ser um pouco mais antigo que o prato da Real República dos Galifões. Estas duas peças são, sem dúvida, os maiores pratos desta coleção.

No que diz respeito aos pratos que se encontram na sala de reserva, o estado destes não é propriamente o melhor. O prato da República dos Inkas tem várias fissuras em toda a sua extensão, faltando-lhe mesmo algumas partes da cerâmica. O prato da República dos 1000-Y-Onários encontra-se num estado ainda mais degradado, seja pelo uso, seja pela antiguidade.



Fig. 6. Prato da Real República 1000-Y-Onários.

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Em situação semelhante encontra-se um outro prato que pertenceu à República Pré-Kys-Tão, com uma rachadura na sua parte central, afigurando-se estar partido e faltando-lhe o símbolo da Academia. A Real República Rás-Te-Parta também conta com um prato que tem o símbolo da própria república, em azul, e que ocupa o centro do prato. Esta peça afigura-se constituir, na nossa opinião, aquela que, de toda a coleção, se apresenta em piores condições, com várias fissuras em toda a sua extensão. Trata-se de uma peça que, a ser exposta, na coleção visitável, necessita de restauro urgente. Todos os casos referenciados são de tamanho médio, não existindo nenhum de pequena dimensão, nem de grande dimensão.

A reserva não conta apenas com objetos que se encontram em mau estado, aliás, podemos observar que existem pratos em boas condições. Representativos deste estado são os pratos da Real República Poyñ-Ta-Pau, República Baco, bem como dois pratos da República dos Inkas, República Bota Abaixo, não se identificando qualquer tipo de fissura. Os pratos das República Poyñ-Ta-Pau e Baco acusam algum desgaste no que diz respeito às cores. Ainda podemos encontrar dois pratos da Real República dos Galifões e dois da Rás-Te-Parta. Estes quatro pratos, na minha opinião, são os que se encontram em melhores condições. Em relação aos pratos dos Galifões, um deles apresenta um desenho simples na parte superior do prato, enquanto o outro apresenta o desenho da república no fundo do prato e com duas listas pretas na borda do prato. Em relação aos pratos da República Rás-Te-Parta também são diferentes. Um deles conta com o desenho da república na parte superior do prato e outro com o mesmo desenho no fundo do prato, a qual ocupa metade do fundo e está pintado de uma cor azul.

Quanto à coleção de pratos armazenados na reserva, alguns apresentam-se em boas condições, melhores do que alguns que integram a coleção visitável, podendo ser expostos. A escassez de espaço impede, naturalmente, esse desiderato.

#### 4.4. Copos e outros objetos domésticos

A coleção de loiça utilitária ainda integra copos, leiteiras e uma terrina, não sendo o seu número significativo, num total de seis peças. Apesar de terem utilidades distintas, optamos por os incluir neste subcapítulo.

A leiteira, que pertenceu à Real República Ay-Ó-Linda, não apresenta qualquer fissura mas encontra-se partida no gargalo. De acordo com os critérios definidos da

obra, *Normas de Inventário: Artes Plásticas e Artes Decorativas*, poder-se-á caracterizar como uma peça regular, a necessitar de restauro<sup>135</sup>.



Fig. 7. Leiteira da Real República Ay-Ó-Linda.

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

---

<sup>135</sup> GARRET, Elsa, FREITAS, Inês, *ob. cit.*, pág. 55.

Provenientes da Real República dos Galifões encontram-se na coleção um copo, de vidro, e uma caneca de faiança, ambos de pequena dimensão, apresentando-se em muito boas condições<sup>136</sup>.

A coleção ainda inclui mais duas canecas. Uma destas pertenceu à República Poyñ-Ta-Pau e a outra à República Ay-Ó-Linda. A primeira caneca está em mau estado, com um perceptível escurecimento, apresentando ainda uma fissura no meio do símbolo. A segunda caneca também está em mau estado, mas não mostra rachaduras ou perdas.

Ainda, na sala de reserva, encontra-se uma terrina, constituída por duas peças distintas, a terrina propriamente dita e a respetiva tampa. A primeira não apresenta qualquer tipo de dano, enquanto a tampa da terrina está partida, faltando uma parte lateral da loiça<sup>137</sup>.

De entre os núcleos analisados, a coleção de loiça é aquela que menos dúvidas suscita, no que concerne à sua propriedade, uma vez que, em regra, é identificada pelo símbolo ou monograma da república a que pertenceu, estando também presente o nome da própria república. Apenas os desgastes da estampagem, fruto da passagem do tempo ou do seu muito uso, poderão tornar mais complicada a tarefa da sua identificação.

#### 4.5. Peças sem identificação

Como já tinha referido anteriormente, existem peças sem qualquer informação na base de dados do museu. É o caso de dois conjuntos de pequenas placas de

---

<sup>136</sup> Consultar em anexos, p. 103.

<sup>137</sup> Consultar em anexos, p. 104.

madeira<sup>138</sup>, unidas por arame, formando uma espécie de harmónio com o nome das repúblicas que existiam no momento em que a peça do feita. Um dos conjuntos é formado por 21 placas e outro por 18. Pouco se sabe quanto à sua inclusão na Galeria Académica, inclusive sobre o doador ou doadores, o que dificulta a sua datação. De igual modo, não se pode afirmar que os conjuntos de placas estejam completos ou, se, pelo contrário, continham mais placas de madeira. Pode-se, no entanto, colocar a hipótese de terem sido efetuados para a realização de uma festa/convívio entre membros de repúblicas<sup>139</sup>.

---

<sup>138</sup> Aparentam ser pedaços de madeira corrente, de pequenas dimensões, onde cada pedaço de madeira indica o nome de uma república.

<sup>139</sup> Estas duas listas que estão compostas por vários pedaços de madeira não sabemos se estão completas, porque estão ligadas através de arame, algo que é fácil de tirar no fim da festa e ter ficado de recordação para algum repúblico ou república. É algo que não o podemos afirmar mas sim podemos ponderar e não pode ser tido como algo irrelevante.

Quadro Nº 2 - Listagem das repúblicas identificadas nas placas de madeira

Repúblicas	Lista 1	Lista 2
1	Palácio da Loucura	Poyn-t'a-Pau
2	Transatlantica	Ay-Ó-Linda
3	Estrela do Norte	Rás Tepartha
4	Larga-O-Osso	Soviet da Matemática
5	Trufé-Kopos	Pra-Kys-Tão
6	Funchal	Inkas
7	Kágados	Real República Bamus-ó-Bira
8	Spreit-o-Furo	Confusa
9	Bota-a-Baixo	Boa-Bay-Ela
10	Paxás	Porvir
11	Jástá	Ninho dos Matulões
12	1000-Y-Onários	Galifões
13	Kalifado	Ribatejana
14	Corsários das Ilhas	Baco
15	Pyn-Guyns	Sol Nascente
16	Tomar 1	Grilos
17	Tomar 2	Pagode-Chinês
18	Tomar 3	7 Estrêlo
19	Rápo-Taxo	
20	Château Rose	
21	Pelancrana	

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Pode-se colocar a hipótese de este harmónio de placas de madeira ter sido realizado para o CR, identificando as repúblicas existentes em momentos precisos. Não se conhece uma data específica das duas peças, mas, tendo em conta que uma das

repúblicas identificadas é a Real República Soviet das Matemáticas<sup>140</sup>, que se manteve ativa entre 1924 e 1926, pode-se colocar a hipótese de, pelo menos uma das placas, corresponder à década de 1920, mais precisamente aos anos finais da I República e aos inícios da Ditadura Militar. A Real República Soviet das Matemáticas manteve-se durante um período de tempo muito curto, em comparação com outras repúblicas.



Fig. 8. Uma das listas de madeira identificando as seguintes Repúblicas: Poynta-Pau, Ay-Ó-Linda, Rás-Teparta, Soviet da Matemática, Prá-Kys-Tão, Inkas, Bamus-Ó-Bira, Confusa, Boa-Bay-Ela, Porvir, Ninho dos Matulões, Galifões, Ribatejana, Baco, Sol Nascente, Grilos, Pagode Chinês e 7 Estrêlo.

---

<sup>140</sup> Através de fotografias evocativas desta república, é possível concluir que este espaço funcionou desde 1924 até 1926.

No início do ano de 2017 deu entrada no museu um azulejo, de cor amarela, proveniente da República Ay-Ó-Linda. Esta placa cerâmica tem desenhada a data de 31-01-1970, data esta que corresponde ao quarto congresso dos membros desta república. Por ser uma peça recente, foi feito convenientemente o registo de doação, verificando-se que foi doada por António E. Maia Amaral, a 25 de Fevereiro de 2016.

Relativamente ao copiógrafo, encontra-se em muito mau estado, estando cheio de marcas de tinta por toda a peça. Este instrumento divide-se em três partes. Na parte direita tem uma divisão para colocação das folhas antes de serem introduzidas para a impressão; na parte central localizam-se o rolator e o tubo da tinta duplicadora e, no lado esquerdo, situa-se a divisão para efetuar a impressão, onde se colocava uma imagem ou texto. Definido o texto, colocava-se a tinta por cima, de seguida uma folha em branco e por último o rolator passava por cima do papel a fim de duplicar o panfleto ou o texto em causa.

#### 4.6. Decretos

No que diz respeito aos decretos das várias Repúblicas, estes são em número de 42. Trata-se de um número relativamente escasso, em comparação com o número de repúblicas que existiram. Em regra, estes decretos tinham por objetivo alertar os estudantes veteranos para não decorrerem atos praxísticos nos dias de cerimónias ou festividades (em regra centenários ou milenários), de modo a que pudessem ter, como assistência, o maior número possível de estudantes bem como antigos estudantes das repúblicas a que diziam respeito<sup>141</sup>.

---

<sup>141</sup> Cada república tem o seu próprio dia de fundação. Algumas têm dias de diferença mas, em regra, não existe mais de uma celebração de centenário ou milenário no mesmo dia.

Alguns destes decretos pertenceram a repúblicas já extintas, como é o caso da Real República do Pagode-Xinês, a qual conta, nesta coleção, com um único decreto. Esta república desapareceu com a queda do regime político estadonovista. Também existem decretos de outras repúblicas já desaparecidas, como é o caso da Real República Bamus-Ó-Bira, do Spreit-O-Furo, dos 1000-Y-Onários e da Poynt-t`apau (Quadro N° 3).

Quadro N° 3– Distribuição dos decretos por repúblicas

República	Nº	Valor (%)
Bota-A-Baixo	6	14
Rás-Te-Parta	6	14
Poynt-Ta-Páu	5	12
Kágados	3	7
Palácio da Loucura	3	7
Prá-Kys-Tão	3	7
Ay-Ó-Linda	2	5
Bamus-Ó-Bira	2	5
Boa-Bay-Ela	2	5
Galifões	2	5
Páxas	2	5
Spreit-Ó-Furo	2	5
1000-Y-Onários	2	5
Pagode-Xinês	1	2
Pyn-Guyns	1	2

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

No Quadro nº 3, os decretos disponíveis distribuem-se, por ordem decrescente de número. As repúblicas com maior número são as seguintes: Bota-Abaixo e Rás-Te-Parta, respetivamente com 6 decretos. Em termos iconográficos, destacam-se dois decretos da Real República Poynt`apau, os quais se encontram em condições físicas relativas, apesar de ligeiramente danificados, apresentando furos, nomeadamente nas pontas, o que provavelmente se deve ao facto de terem estado afixados numa parede. Um dos decretos tem desenhado um foguetão no espaço, com duas pessoas a bordo e dois dragões no exterior que expelem fogo para um dos elementos que está dentro da cápsula. Este decreto tem duas assinaturas, uma do *Dux Veteranorum*, sendo a outra ilegível.

Já no outro decreto, a tinta está descorada e começa a desaparecer. Neste decreto, o desenho é constituído por três estudantes, vestidos de capa e batina, sendo um deles puxado por uma mulher. Completam o desenho mais quatro mulheres, duas delas parecendo escutar uma serenata e a outras duas afigura-se estarem a ser cortejadas por um estudante. Uma destas mulheres segura nas mãos uma garrafa de vinho e serve um copo a um estudante.

Em relação aos outros três decretos que existem desta República, todos são simples, escritos numa cartolina branca e apresentam vários rasgos ou falhas de papel, sobretudo nas pontas, provavelmente por terem estado afixados.



Fig. 9. Decreto da Real República Poyñ-T`Apau.

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Ainda relacionado com os decretos de repúblicas que já desapareceram, existem dois decretos com uma imagem gráfica forte, nomeadamente um decreto da Real República dos 1000-Y-Onários e um outro da Real República Bamus-Ó-Bira.

O primeiro está desenhado em cartolina branca, estando colada, na sua parte central, uma folha preta com o logotipo da república e, no cimo, está representada "A cabra". No canto inferior esquerdo destaca-se uma outra folha, com um desenho de um diploma, onde está escrito o decreto. Esta folha fica fora dos limites da cartolina,

por isso, a medida deste decreto encontra-se aproximadamente, pois, a folha deste objeto é irregular.

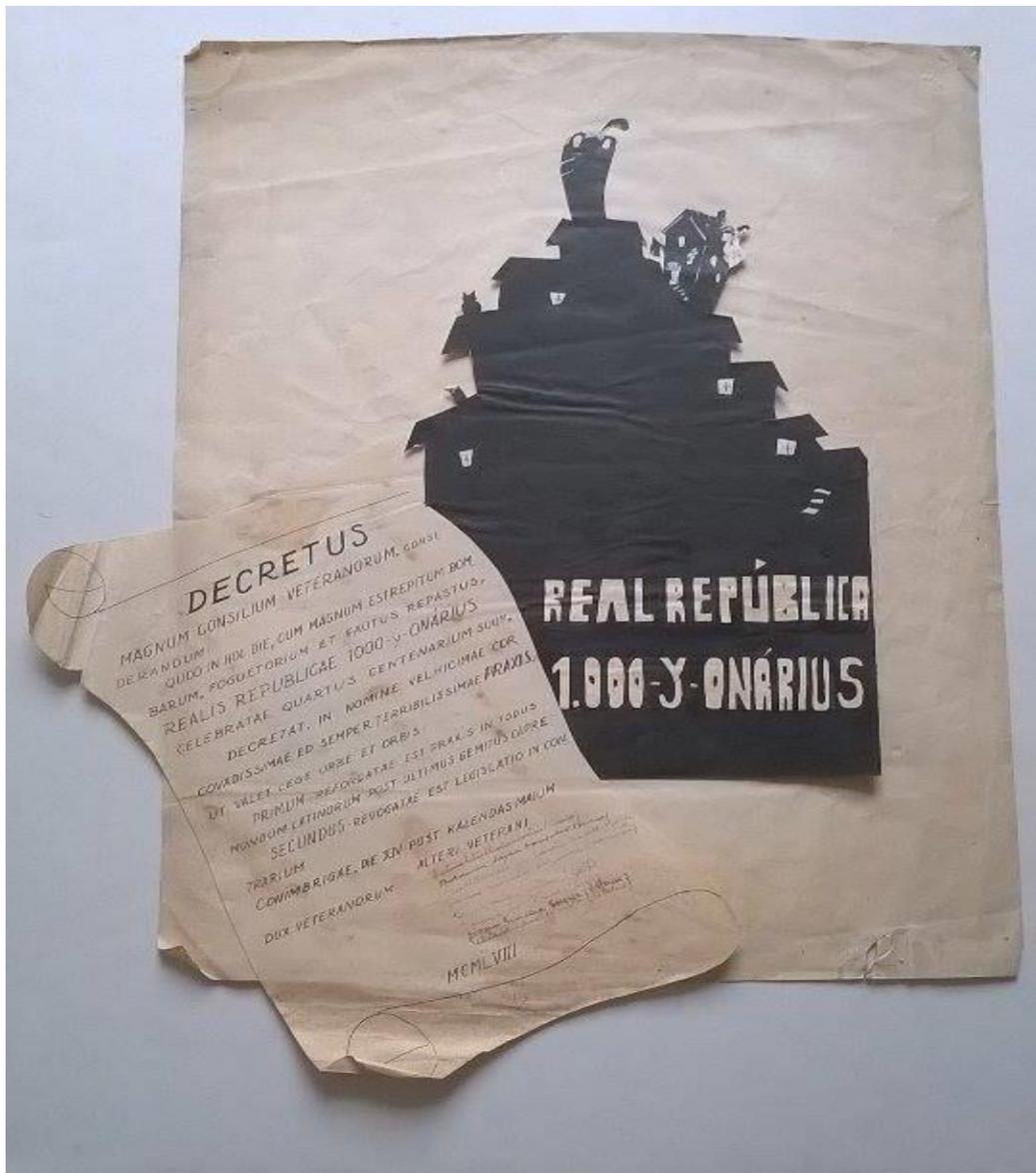


Figura. 10. Decreto da Real República 1000-Y-Onários.

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

O decreto da Real República Bamus-Ó-Bira tem desenhado, no canto superior esquerdo da cartolina branca, "a cabra" a ser observada pela Lua, enquanto, no canto superior direito, se visualiza uma fita vermelha, presa por um troço de madeira, desconhecendo-se o seu significado. Todos estes decretos estão ligeiramente danificados, apresentando-se furados ou com alguns rasgões, acusando também o proveniente da República Bamus-ó-Bira marcas de sujidade e, em algumas partes do documento, falhas de papel.

Quanto a outras repúblicas, existem doze documentos, seis da Real República Bota-Abaixo e outros seis da Real República Rás-Teparta. Contrariamente aos decretos atrás mencionados, não apresentam singularidades específicas sendo todos de formato idêntico. Os decretos resumem-se ao corpo do texto, não exibindo quaisquer desenhos, a não ser, num número escasso, o símbolo da república como marca de água, no canto superior esquerdo ou subjacente ao texto em grande dimensão, ocupando mais de metade da folha. Além de decretos destas duas repúblicas, integram a coleção três decretos da Real República Poyñ-T`apau. Nestes casos, existem dois decretos com qualidade gráfica significativa, um pertence à Real República Boa-Bay-Ela e o outro à Real República Palácio da Loucura. O primeiro mostra várias fitas, correspondentes às cores de cada faculdade, bem como o símbolo da república no canto superior esquerdo, estando-lhe subjacente a designação da República, redigida com caracteres maiores do que o do texto do decreto. Entre estes dois textos, pode ler-se "trás-pum, trás-pum". Na parte superior do decreto, observam-se alguns cachos de uva, o que poderá significar que seria uma festa da república, aberta a todos os estudantes da UC, sem restrições para membros repúblicos neste tempo. Também com uma boa imagem gráfica é um decreto proveniente da Real República Palácio da Loucura, de 1957. No seu design consta, no lado esquerdo inferior, o desenho de um estudante de capa e batina a tocar uma guitarra portuguesa enquanto olha entristecido para uma garrafa de vinho fechada, colocada do lado direito, mas que parece apelar ao jovem estudante para a abrir. Ainda no mesmo documento, no canto

superior esquerdo, vislumbram-se o pátio da Faculdade de Direito e “a cabra” enquanto, do lado oposto, a Sé Velha, local simbólico para os estudantes, estando-lhe associada a Serenata da Queima das Fitas.

Quanto ao seu estado físico, o documento apresenta-se um pouco degradado, com marcas de ter estado dobrado. Já o decreto anteriormente referido, proveniente do Palácio da Loucura, acusa o problema da grande maioria dos decretos: alguns furos, nomeadamente, em cada canto do decreto, provavelmente por ter estado afixado numa parede.

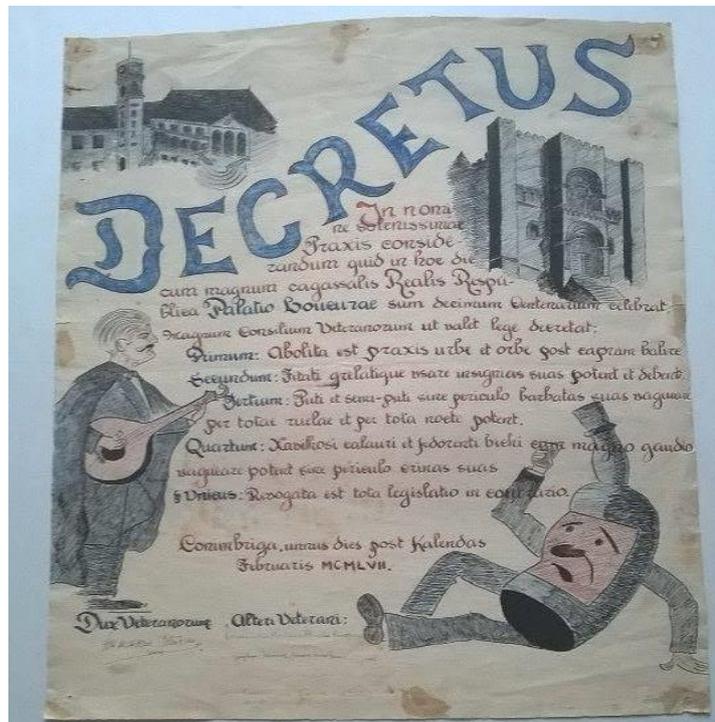


Fig.11. Decreto da Real República Palácio da Loucura

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

## 5. Base de dados

Antes de abordar o meu trabalho neste campo, convém referir que a Galeria Académica tem grande parte do seu espólio, em particular o que se encontra exposto no circuito, numa base de dados, tendo-lhe sido atribuída a respetiva cota. O meu trabalho incidiu prioritariamente na criação de uma base de dados para peças que não tinham qualquer tipo de informação, nem de cota. Na sua construção tiveram-se em conta os seguintes campos: tipologia, a data de registo, mais especificamente ano, mês e dia, a identificação da República a que se reporta, caracterização da peça/produção, em especial, a sua dimensão em centímetros (cm), quer o comprimento quer a largura, o seu estado físico e descritivo. Foi igualmente criado na base de dados um campo de observações para eventuais informações adicionais, e, por último, a indicação da cota que lhe foi atribuída<sup>142</sup>. Ainda no campo da cota acrescentamos uma hiperligação para a respetiva imagem do decreto. No que respeita aos decretos, a base de dados seguiu uma ordem decrescente de número de casos por República, ou seja, seguiu-se uma ordenação que se inicia com a indicação das Repúblicas com maior número de decretos, terminando com aquelas que possuem um menor número.

A base de dados das fotografias foi construída à semelhança da base de dados dos decretos, tendo-lhe sido acrescentada a indicação da pasta onde se encontra a fotografia na Galeria, bem como foi criado um campo em que se identifica a fotografia como sendo colorida ou a preto e branco. Para algumas peças foi possível indicar o ano de entrada no museu, bem como a república a que está ligada. As medidas das

---

<sup>142</sup> A cota de cada peça é iniciada pelas seguintes letras: MAC. Esta abreviatura representa o antigo nome da GA, Museu Académico de Coimbra. Visto o sistema operativo deste espaço não ter sofrido nenhuma alteração no sistema de dados, optei por seguir a mesma sequência.

fotografias estão sempre presentes<sup>143</sup>. Nesta base de dados, optei por não criar uma hiperligação fotográfica para as cotas, devido à existência de alguns obstáculos. A descrição de algumas fotografias é a mesma, por serem muito idênticas e, por vezes, as fotografias repetem-se, nomeadamente as fotografias que foram doadas por antigos estudantes<sup>144</sup>. Estas fotografias, por norma, identificam *Doutores* e *Caloiros*<sup>145</sup>. A título acessório foi criado um campo de observações, para algumas informações adicionais<sup>146</sup>. Para finalizar, no que respeita à classificação da peça, optei por usar um critério de avaliação breve, catalogado por: bom estado, razoável e deficiente. Considero uma peça em bom estado sem mostrar problemas de conservação mas podem expor algum defeito<sup>147</sup>. O Razoável, considero as peças que expõem falhas e precisam de uma intervenção de conservação ou restauração<sup>148</sup>. O estado deficiente, é ponto de maior desgaste das peças e é necessário intervir<sup>149</sup>.

Como já se salientou, antes de dar início à elaboração da base de dados, foi necessário organizar o espólio das repúblicas. De igual forma, a inserção na base de dados das informações, nomeadamente no caso dos decretos, exigiu tentar determinar o ano a que se reportam, apesar de alguns serem omissos quanto a este tipo de

---

<sup>143</sup> Por vezes, encontramos fotografias que estão incompletas (rasgadas) de um modo a precaver o erro exato da medida do objeto, optei por colocar aproximadamente a medida.

<sup>144</sup> Através destas fotografias sabemos o nome do doador.

<sup>145</sup> Estes dois termos são utilizados de uma forma metafórica dentro da comunidade estudantil. Neste caso, a palavra *Doutor* aplica-se a estudantes com duas ou mais matrículas, apresentando-se nas fotografias com o traje académico. A palavra *caloiro* identifica os estudantes que contam apenas com uma matrícula. <http://uniarea.com/apadrinhar-um-caloiro/>, 22/08/2018, 19:15H

<sup>146</sup> Por vezes, a descrição fotográfica, na base de dados, encontrar-se-á repetida, visto existirem registos fotográficos bastante similares.

<sup>147</sup> GARRET, Elsa, *ob. cit.* p. 55.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 55.

informação<sup>150</sup>. Em alguns destes decretos, a data é ilegível, em virtude de a tinta se encontrar sumida. Além disso, as informações quanto a datas não são uniformes: em alguns casos indica-se, por extenso, apenas o ano; em outros, falta o mês e o dia. Finalmente, em alguns casos, não há qualquer datação. O único dado que é possível indicar com clareza, é a república que o produziu, bem como as suas medidas e o tipo de material de que é feito. No que diz respeito à identificação do *Dux Veteranorum*<sup>151</sup>, apenas em alguns decretos o nome é perceptível. Noutros, pelo contrário, o nome desapareceu obstaculizando a sua identificação, situação que caracteriza igualmente os outros elementos, identificados por *Altera Veterani*, que igualmente subscrevem os decretos<sup>152</sup>.

Dentro deste grupo, é importante referir, o copiógrafo, o qual se encontra protegido numa caixa de madeira, tendo as seguintes medidas: 1m de comprimento, 7,2cm de altura e 50,1cm de largura. Nada se sabe quanto à sua origem, data de ingresso e doador, ou mesmo quem o construiu. Afigura-se provável que tenha sido comprado por uma república ou até mesmo, pelo CR, com o objetivo de reproduzir panfletos e demais textos de intervenção.

Segundo a convenção de 2003 para normas da UNESCO<sup>153</sup>, de forma a se poder realizar uma base de dados, não podemos querer ser demasiado ambiciosos, isto é, devemos ser muito específicos e detalhados para a classificação de uma peça, tendo por base a sua observação cuidada de forma a retirar dados informativos claros e coerentes. Esta base de dados que irá ser entregue ao museu deverá ser continuada e

---

<sup>150</sup> Qualquer decreto contém a respetiva data escrita por extenso, o dia e o mês. O ano do decreto encontra-se em numeração romana no decreto. Na base de dados optamos por utilizar a numeração árabe.

<sup>151</sup> Em certos decretos existe mais do que uma assinatura na área destinada ao Dux.

<sup>152</sup> Existe apenas um decreto sem qualquer informação.

<sup>153</sup> CARVALHO, Ana, *ob. cit.*, pp. 132-133.

melhorada, não só devido à permanente atualização e crescimento da coleção, com entrada de novas peças, mas também devido à evolução informática<sup>154</sup>.

Optei por utilizar o programa Excel. Apesar de não saber trabalhar com as atuais ferramentas que são sugeridas pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)<sup>155</sup>, o Inarte Plus ou Matriz Net, ambos os programas têm como objetivo guardarem e preservarem as informações de todo o espólio dos museus. Cada museu usa o programa que mais se adequa ao espólio existente. Estes programas têm como objetivo criarem uma organização interna de modo a facilitarem as consultas das peças, cumprindo-se, assim, um dos passos da nova museologia e permitindo flexibilidade no tratamento da própria informação<sup>156</sup>.

A base de dados afigura-se ter vários tipos de utilidade, servindo, inclusive, como registo de salvaguarda na eventualidade de ocorrer algum imprevisto. Afigura-se também importante a possibilidade de se poder criar um “dossiê digital”, autonomizado por coleção (a música, a Queima das Fitas, o desporto, Repúblicas, entre outros), a fim de se preservar toda a documentação disponível.

## 5.1. Fotografias

Quanto às fotografias, estas podem ser divididas em dois grupos; as das repúblicas, guardadas numa pasta intitulada “Repúblicas I” e o das repúblicas em desfiles dos archotes ou tomadas da bastilha, arquivadas numa pasta a que foi dada a designação de “Repúblicas II”. No total, as fotografias contidas nestas duas pastas

---

<sup>154</sup> *Ibidem*, pp. 133-134.

<sup>155</sup> Este órgão é responsável pela gestão de património cultural em Portugal, com o intuito de conservar, valorizar e divulgar o património.

<sup>156</sup> <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9420.pdf>, 27/11/2016, 22:25H.

contabilizam o montante de 497<sup>157</sup>. É provável que o seu número fosse superior, visto que, em alguns envelopes, está registado um número mais elevado ao das fotografias neles contidos<sup>158</sup>. O modo de apresentação desta base de dados foi feito por ordem alfabética, visto ser extensa a quantidade de fotografias, deixando para o fim o desfile dos archotes, onde por vezes surgem vários membros repúblicos na mesma fotografia.

Na pasta "Repúblicas I" encontram-se fotografias que evocam situações de uma única república. Na grande maioria, estas fotografias retratam a celebração dos centenários ou dos milenários. Em várias situações, não sabemos que tipo de festas/convívio se está a realizar, até por falta de nitidez, desconhecendo-se a sua data, o que dificulta ou mesmo inviabiliza o seu esclarecimento. Contudo, não são muito numerosas as fotos não identificadas, o que facilitou a construção da base de dados. Em contrapartida, são sobretudo as fotos mais recentes, da década de noventa do século XX, as que têm registada a respetiva datação, bem como outros elementos que, em caso de omissão dessa informação, permitem aproximações à data em que foram captadas pela objetiva de fotógrafos, em particular, o nome do fotógrafo ou da empresa fotográfica, assinalada na parte detrás da foto<sup>159</sup>.

---

<sup>157</sup> No momento de consultar as pastas fotográficas, em certos casos, podemos observar que a descrição numérica não corresponde ao número de fotografias na pasta. Este conjunto de fotografias não se encontrava nas melhores condições físicas, para além de estarem incluídas numa espécie de díptico, preso com uma pregueta de plástico.

<sup>158</sup> O primeiro grupo encontra-se na pasta de fotografias Repúblicas I. O segundo grupo de fotografias encontra-se na pasta de fotografias Repúblicas II.

<sup>159</sup> Não nos podemos esquecer que temos um enorme obstáculo, o tempo. A grande maioria destas peças são da década de 1950. Saber o nome das pessoas, por vezes, torna-se impossível. Um destes casos, são as fotografias da República Sol Nascente, visto que são da década de 30. Outro problema que podemos detetar, o encerramento de algumas repúblicas ao longo do tempo, o que pode dificultar a investigação sobre a mesma.

Muitas das fotografias afiguram-se repetitivas, sendo muito frequentes as situações de fotos “tipo família” com os vários repúblicos em frente da respetiva república ou fotos de fim de curso de finalistas com as fitas colocadas nas pastas. Nesta divisão podemos encontrar duas pequenas pastas com várias fotografias que possibilitam identificar as repúblicas. Cada pasta tem oito fotografias. Na primeira, podemos observar que estão fotografias das seguintes repúblicas: Real República Pagode-Xinês, Pyn-Guyns, Ay-ó-Linda, Prá-Kys-Tão, Sol Nascente e Soviet da Matemática. Na outra pasta, das oito fotografias que podemos encontrar, existem duas que não tornam possível identificar a república, o que nos limita a seis fotografias identificadas. As repúblicas que encontramos nesta divisão são as seguintes: Real República dos Pyn-Guyns, Spreit-ó-Furo, 1000-y-Onários, Prá-Kys-Tão, Ninho dos Matulões e um postal, onde surgem membros de duas repúblicas distintas, com membros da Real República dos Fantasmas e da Real República do Rapo-Taxo.

No que ainda diz respeito a esta base de dados, podemos encontrar abreviaturas <sup>160</sup>, nomeadamente nos campos onde não encontramos nenhuma informação, a data, mais especificamente. Também podemos destacar o uso ou não da cor. Da totalidade das fotografias, predominam as fotografias a preto e branco, sendo escasso o número de fotografias coloridas, o que se deve, em grande parte, às técnicas fotográficas dominantes nas épocas em que foram tiradas.

Na base de dados das fotografias, nomeadamente no campo de caracterização da peça e observações, por vezes, não surge nenhuma descrição, visto que, algumas destas fotografias se encontrarem defeituosas<sup>161</sup>, o que impossibilita realizar uma conclusão breve e saber as suas medidas de origem. Para finalizar, no campo das anotações, descreve-se o que vem escrito em cada fotografia, sempre que seja

---

<sup>160</sup> S. i. significa sem identificação.

<sup>161</sup> Estas fotografias para além de se encontrarem em condições menos favoráveis, não nos possibilita retirar uma conclusão clara.

possível. Neste campo, também pode surgir a dimensão das medidas do conjunto fotográfico<sup>162</sup>. Noutros casos, há o registo do nome do doador ou outro tipo de informações como a identificação dos danos, visíveis a olho nu, da fotografia. Por último, muitos campos não estão preenchidos devido à escassa informação disponível ou devido às questões que referi anteriormente.

---

<sup>162</sup> Por vezes, encontramos fotografias coladas a pedaços de cartolina, logo, o conjunto fotográfico tem medidas diferentes ao da fotografia. As medidas deste conjunto, surgem no campo de anotações.

## 6. Conclusão

Neste relatório de estágio, abordamos a coleção da Galeria Académica e, muito em particular, debruçamo-nos sobre o espólio das repúblicas, bem abordamos elementos referentes ao Conselho de Repúblicas, ao Projeto R e à Associação de Repúblicas. Também tentamos apurar se os critérios destes órgãos se mantinham intactos desde a sua oficialização.

A investigação levada a cabo mostra que uma boa parte do espólio das repúblicas ainda não se encontra informatizada nem na base de dados da GA. Se a faiança proveniente das Repúblicas se encontra devidamente tratada e acessível a partir da base de dados da Galeria, o mesmo não ocorre com os núcleos de fotografias e de decretos, cuja informação ainda não está disponível. É importante referir, que depois de trabalhar com toda a documentação existente das repúblicas, podemos alertar os responsáveis deste espaço, que num futuro próximo, se entenderem mudar a exposição das salas, a área das repúblicas conta com uma vasta documentação e poderia ser premiada com uma sala.

A Galeria dispõe apenas de dois funcionários, o que é manifestamente pouco para todas as atividades a desempenhar, dado o extenso e heterogéneo espólio de que dispõe, o qual tende a aumentar, devido às doações que lhe são feitas. O tema das repúblicas é tão-só uma pequena fração do espólio guardado e torna-se complicado prestar atenção a todas as áreas devido ao número reduzido de funcionários. Com a contratação de mais funcionários, este espaço poderá manter a porta aberta aos visitantes, pois, este é um grande problema que dificulta o desenvolvimento da GA. Através do inquérito realizado à comunidade estudantil, podemos destacar que é um problema que tem de ser resolvido. No caso de não existir capacidade económica para contratar funcionários, podemos contornar a situação, através de protocolos com os estudantes e evocar os núcleos de estudantes, para que

seja um espaço obrigatório, nomeadamente para os “caloiros”, claro, são estes os estudantes que não tem qualquer conhecimento das tradições estudantis coimbrãs. Na nossa opinião, para além da Queima das Fitas e da Festa das Latas e Imposição de Insígnias, este é um espaço que representa toda a comunidade estudantil e as suas tradições. Outro aspeto que podemos abordar é, a mudança do nome deste espaço. Alterar o nome de Museu Académico para a Galeria Académica e perder a sua autonomia para o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, de facto, não trouxe vantagens, aliás, a mudança de nome para Galeria Académica, na nossa opinião, deixa de ter tanto impacto para quem visita a cidade de Coimbra. É necessário rever esta situação e examinar o que é melhor para este espaço museológico.

No que diz respeito à caracterização física das peças, o seu estado é muito variável. A maioria dos decretos encontra-se em boas condições, exceto no que respeita às respetivas assinaturas, muitas das quais, por falta de tinta, estão ilegíveis. As fotografias acusam maior degradação, algumas estão rasgadas, reduzidas a metade, não se encontrando a parte que falta para a completar. Através destas peças e de um inquérito, conseguimos realizar gráficos que mostram características particulares referentes a este espaço. Ainda acerca do espólio, seria conveniente chamar a atenção dos estudantes das repúblicas para a necessidade de salvaguarda do respetivo património bem como de doar peças, visto ser uma tradição que tem decaído de ano para ano, acabando por não ser benéfico para a história das repúblicas e também para futuros investigadores. Além disso, seria pertinente que, aquando da entrega de espólio, se identificassem os intervenientes. É importante referir que a história das Repúblicas tem elevado valor patrimonial e grande importância na história da Universidade de Coimbra.

Afigura-se também necessário, na nossa opinião, que a GA crie novas dinâmicas museológicas e estabeleça protocolos para desenvolver iniciativas e conseguir obter um maior número de visitantes. Como já referi, este espaço representa muito bem a

comunidade estudantil em todas as áreas. É preciso dar mais visibilidade ao espaço e aos vários tipos de espólio que podemos encontrar neste espaço, nomeadamente no que diz respeito ao tema do trabalho analisado, as repúblicas. Creio que seria um passo importante realizar protocolos com as repúblicas para dar a conhecer aos turistas o que é uma república por dentro, quais são os seus ideais, explicar o significado do seu património imaterial, em especial as pinturas realizadas dentro da casa, entre outros aspetos. Em prol da GA, seria interessante avançar-se para a recolha fotográfica das pinturas existentes em cada república e criar-se um espólio digital. Afigura-se-nos importante o trabalho conjunto, divulgando-o junto do público.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes:

Arquivo da Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (Coimbra).

Adenda ao Protocolo de Instalação do Museu Académico de Coimbra, 2 de Maio de 1995, Universidade de Coimbra, Paço das Escolas, Arquivo da Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Livro de Atas do Conselho de Repúblicas de Coimbra, 1964-1967, Pasta de Repúblicas da Galeria do Museu Académico de Coimbra.

Protocolo de Instalação do Museu Académico de Coimbra, 20 de Dezembro de 1990, Universidade de Coimbra.

### Bibliografia:

ALMEIDA, Maria Mota, *Os Primeiros Cinquenta Anos do Museu-Biblioteca Condes de Castro de Guimarães – Cascais: Pioneirismo Mediado Pela Ação Cultural e Educativa*, Paris: Nota de Rodapé Edições, 2016.

ANDRADE, Inês Bernardo Lopes de, *Repúblicas Universitárias – Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra (no âmbito de seminário Coimbra Capital Europeia da Cultura: planos e projetos para uma candidatura virtual)*, Departamento de Arquitetura, Coimbra, FCTUC, Julho de 2014.

ANDRADE, Mário Saraiva de, *Código da Praxe Académica de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957.

ASSOCIAÇÃO REAL REPÚBLICA BOA-BAY-ELA, *Os Primeiros Cinco Mil Anos (1956-2006)* Real República Boa-Bay-Ela, Coimbra, 2016.

BOLAÑOS, Maria, *História de los Museus en España, Memoria, Cultura, Sociedad*, Gijon, Ediciones Trea, 1997.

CAPELO, Ludovina Cartaxo, *Colégio de S. Jerónimo*, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 2010.

CAPITÃO, Ana Patrícia do Carmo, *A fotografia como roteiro de viagem de Carlos Relva (1860-1894): a elaboração de uma base de dados a partir do espólio fotográfico da Casa-Estúdio Carlos Relvas, da Golegã*. Relatório de Estágio, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012.

CARREIRO, Teresa, *Viver Numa República de Estudantes de Coimbra-Real República Palácio da Loucura, 1960-70*, Porto: Campo das Letras, Novembro de 2004.

CARVALHO, Ana, *Os Museus e o Património Cultural: Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, Lisboa, Edições Colibri/CIDEHUS – Universidade de Évora, Lisboa, Dezembro de 2011.

CONNERTON, Paul, *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

CRUZEIRO, Maria Eduarda, *Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional*, *Análise Social*. Vol. XV, nº 60, 1979, <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223990403T2oCN9gi5Xo15HK9.pdf>, 26/08/2018.

FAUVRELLE, Natália, *Processos de Musealização. Um Seminário de Investigação Internacional. Atas do Seminário - De Paisagem a Património - a classificação como Processo de Musealização da Paisagem*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso, *Introducción a la nueva museología*, Madrid, Alianza Editorial, S.A., 1999.

FRIAS, Aníbal, "Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro de 2003, pp. 81-116.

GARRETT, Elsa; FREITAS, Inês, *Normas Gerais: Artes Plásticas e Artes Decorativas*, 1ª Edição, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000.

GARRIDO, Álvaro, *Movimento Estudantil e Crise Do Estado Novo, Coimbra 1962*, Coimbra, Minerva Editora, 1996.

GOB, André, *La muséologie- Histoire, développements, enjeux actuels*, Paris: Armand Colin, 2004.

GUILLAUME, Marc, *A Política do Património*, 1ª edição, Porto: Campo de Letras, Setembro de 2003.

Guitarra de Coimbra, *Cortejo da Tomada da Bastilha*, 2006, <http://guitarradecoimbra.blogspot.com/2006/11/cortejo-da-tomada-da-bastilha.html>, 26/08/2018.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández, *Manual de Museologia*, Gijon, Editorial Síntesis, 1994.

HOBBSAWM, Eric, *A invenção das tradições*, trad. Celina Cardim Cavalcante, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LAMY, Alberto Sousa, *A Academia de Coimbra (1537-1990): história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*, Lisboa, Rei dos Livros, 1990.

LEITE, Ana Sofia Neno, *O Processo de patrimonialização em Marrocos, entre o real e o autêntico, Teorias e metodologias de investigação: A praça Jemmâ el Fna, entre o real e o autêntico*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2012/13.

LOPES, António Rodrigues, *A sociedade tradicional académica coimbrã: introdução ao estudo etnoantropológico*, Coimbra, 1982.

LOPES, Rui Pedro, *Museu Académico de Coimbra: evolução histórica, coleções e proposta de atualização*. Relatório de estágio, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012.

PAULO, Dália, "A informatização do inventário: um novo instrumento de gestão diária do Museu Municipal de Faro", *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto 2008-2009, I Série, Volume VII-VIII, pp. 311-317, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9420.pdf>, 26/08/2018.

PEIXOTO, Paulo, *Tradições universitárias e Patrimonialização*, Coimbra: Oficina do CES nº 263, 2006.

Penedo da Saudade, *A tomada da bastilha*, 2010.

PRATA, Manuel Alberto Carvalho, *A Praxe na Academia de Coimbra: das práticas às representações*, Coimbra: separata Revista de História das Ideias, 1993.

RIBEIRO, Artur, *As Repúblicas de Coimbra*, Coimbra, Diário de Coimbra, 2004.

RIBEIRO, Dinis de Carvalho, *As praxes académicas de Coimbra*, Coimbra, 1925.

SEMEDO, Alice, *Coleções de ciências físicas e tecnologias em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

SILVA, Maria Antónia Lucas da; MADEIRA, Sérgio, *Repúblicas Universitárias de Coimbra*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2009.

TORGAL, Gonçalo Reis, *Coimbra: boémia da saudade*, Coimbra, 2003.

VIDAL, José Marques, *REAL REPÚBLICA PRÁ-KYS-TÃO- Memórias de Coimbra*, Coimbra, Hugin Editores, Fevereiro de 2002.

## Webgrafia

<http://www.jovembrasil.com.br/como-funciona-uma-republica-de-estudantes/>,  
26/01/2016, 14:42H.

[https://www.uc.pt/auc/fundos/ficheiros/COL\\_SaoJeronimoCoimbra.pdf](https://www.uc.pt/auc/fundos/ficheiros/COL_SaoJeronimoCoimbra.pdf), 23/08/2017,  
11:55H.

<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/16693/republicas-de-coimbra-criam-associacao-para-lutar-contra-lei-do-arrendam>, 4/10/2017, 12:03H.

<http://notasemelodias.blogspot.pt/2011/12/notas-ao-latim-macarronico-regras-de.html>, 24/11/2017, 10:30H.

<http://journals.openedition.org/rccs/1174>, 12/12/2017, 13:38H.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica\\_estudantil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_estudantil), 12/12/2017, 10:42H.

[http://casadaguitarra.pt/categorias\\_produto/guitarras-portuguesas/](http://casadaguitarra.pt/categorias_produto/guitarras-portuguesas/), 15/12/2017,  
11:10H.

<http://casadaguitarra.pt/produto/guitarra-de-portuguesa-de-coimbra/>, 15/12/2017, 11:12H.

<http://notasemelodias.blogspot.pt/2016/07/notas-ao-centenario-da-sebenta-1899.html>, 8/02/2018, 19:23H.

<http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/1999-2000/baco/republica.html>, 28/04/2018, 16:00H.

<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>, 26/05/2018 16:20H.

<https://www.geni.com/people/D-Diogo-Francisco-de-Almeida-de-Azevedo-e-Vasconcelos-3%C2%BA-marqu%C3%AAs-de-Reriz/6000000021026727376>, 29/05/2018, 17:51H.

<http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Bibliografia/1912/1912.pt.pdf>, 10/03/2018, 17:50H.

<https://neeaac.wordpress.com/2012/09/23/seccoes-culturais-e-desportivas-da-aac/>, 1/06/2018, 22:20H.

[https://books.google.pt/books?id=rCfzHAjW5y0C&pg=PT328&lpg=PT328&dq=Diogo+Francisco+de+Almeida+de+Azevedo+e+Vasconcelos&source=bl&ots=OtW7mO\\_dopD&sig=1x-xX\\_zLNbTZmc1RucuW6fW\\_bPU&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi7hrr0zrfbAhUF0RQKHbRDCKoQ6AEIWzAP#v=onepage&q=](https://books.google.pt/books?id=rCfzHAjW5y0C&pg=PT328&lpg=PT328&dq=Diogo+Francisco+de+Almeida+de+Azevedo+e+Vasconcelos&source=bl&ots=OtW7mO_dopD&sig=1x-xX_zLNbTZmc1RucuW6fW_bPU&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi7hrr0zrfbAhUF0RQKHbRDCKoQ6AEIWzAP#v=onepage&q=)

[Diogo%20Francisco%20de%20Almeida%20de%20Azevedo%20e%20Vasconcelos&f=false](#), 8/6/2018, 22:00H.

<https://www.geni.com/people/D-Diogo-Francisco-de-Almeida-de-Azevedo-e-Vasconcelos-3%C2%BA-marqu%C3%AAs-de-Reriz/6000000021026727376>,  
29/05/2018, 08:50H.

<https://portefolioseminarionr.webnode.pt/projeto/museus-universitarios/>, 9/06/2018,  
22:30H.

<http://museubordalopinheiro.cm-lisboa.pt/newsletter/Newsletter.pdf>, 28/05/2018,  
17:41H.

<http://uniarea.com/apadrinhar-um-caloiro/>, 22/08/2018, 19:15H.

## Anexos



Fig. 12. Prato da Real República Rás-Te-Parta.

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



Fig.13. Copo da Real República dos Galifões

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



Fig. 14. Terrina da Real República Rás-Te-Parta

Fonte: Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra